

## PRODUÇÃO DE COCO: O NORDESTE É DESTAQUE NACIONAL

**MARIA SIMONE DE CASTRO PEREIRA BRAINER**

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural. ETENE/BNB  
msimonecb@bnb.gov.br

### 1. INTRODUÇÃO

O *Cocos nucifera* é cultivado em cerca de 90 países que destinam o fruto, principalmente, para a produção de copra e óleo, principais derivados do coco comercializados no mercado internacional. A Indonésia, Filipinas e Índia, principais produtores mundiais, detêm 72,6% da área e 72,8% da produção mundial. O Brasil perdeu uma posição para o Sri Lanka, encontrando-se agora em quinta colocação com apenas 1,7% da área cultivada e 3,8% da produção mundial, entretanto possui a mais elevada produtividade comparada com a daqueles três principais produtores.

O coqueiro foi introduzido no Brasil através da Bahia, recebendo a denominação de coco-da-baía, e expandiu-se inicialmente pelo litoral nordestino, onde se encontram os principais produtores nacionais, Bahia, Sergipe e Ceará. Depois, foi disseminado por quase todo País, com exceção dos estados do Amapá, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Diferente do principal direcionamento dos maiores produtores mundiais, os cultivos brasileiros destinam-se à produção de coco seco *in natura*, coco ralado, leite de coco, óleo de coco e água de coco. A crescente demanda por este último produto contribuiu com a expansão do coqueiro para outras regiões e com o aumento da produtividade e produção nas últimas décadas.

O aumento da produção brasileira se deu numa proporção muito maior pela elevação da produtividade do que pela expansão das áreas, pois, enquanto a área

cultivada com coqueiro cresceu 13,2%, entre 1990 e 2015, a produção e a produtividade cresceram, respectivamente, 143,2% e 114,8%. Isso ocorreu a partir da introdução de novos plantios nas regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste, com utilização intensiva de insumos, de tecnologia, implantação de grandes projetos em perímetros irrigados e utilização da variedade de coqueiro Anão Verde e do híbrido.

Entretanto, a Região Nordeste continua a maior produtora do Brasil, com 82,9% da área e 74,0% da produção nacional. Para não perder sua liderança nacional na produção de coco, está passando por ajustes, renovando seus coqueirais, utilizando variedades mais produtivas, conquistando novos mercados, em especial, os externos, aproveitando-se da estrutura portuária e da vantagem relativa à proximidade da Europa e América do Norte, especialmente, Estados Unidos. Internamente, comercializa seus produtos em mercados locais, em estados das regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Embora, esteja perdendo parte dos consumidores de coco verde, localizados nessa última região, que continua aumentando sua produção em razão de sua elevada produtividade.

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Os cultivos de coqueiro em muitos países do mundo destinam-se à comercialização da copra (polpa seca) para produção de óleo e coco desidratado. No Brasil, os cultivos destinam-se à produção de coco seco *in natura*, coco ralado, leite de coco, óleo de coco e outros, derivados do

#### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

**Expediente:** Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Dalylly Soares de Azevedo e Antônio Kassyo Monteiro Costa (Bolsistas de Nível Superior).

O *Caderno Setorial ETENE* é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

**Contato:** Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

coco seco<sup>1</sup>; e água de coco, a partir do coco verde.

As variedades de coqueiro mais utilizadas, no Brasil, conforme suas aptidões são a Gigante do Brasil da Praia do Forte (GBrPF), a Anão Verde do Brasil de Jiqui (AVeBrJ) e a variedade híbrida (AVeBrJ x GBrPF). Em virtude da cor, as cultivares Anão Amarela e Anão Vermelha, respectivamente, não são muito demandadas pelos produtores ou consumidores de água de coco, por atribuírem à cor ao estágio de maturação avançado do coco verde.

As aptidões são determinadas por uma conjunção de características que essas variedades apresentam, conforme pode ser visto no Quadro 1, abaixo.

**Quadro 1 - Principais características agrônômicas dos grupos varietais de coqueiro**

Características	Variedades de coqueiros		
	Anão	Híbrido	Gigante
Início da floração (ano)	2 a 3	3 a 4	5 a 7
Vida útil	30 a 40	50 a 60	60 a 80
Tamanho do fruto	Pequeno	Intermediário	Grande
Crescimento	Lento	Intermediário	Rápido
Porte (m)	8 a 10	20	35
Espaçamento (m)	7,5 x 7,5 x 7,5	8,5 x 8,5 x 8,5	9 x 9 x 9
Número de plantas por hectare	205	160	142
Produção de frutos (frutos/planta/ano)	150 a 200	130 a 150	60 a 80
Produtividade de frutos (frutos/ha)	30 a 40 mil	20 a 24 mil	8 a 12 mil
Peso do fruto (g)	900	1200	1400
Peso da noz (g)	550	700	800
Peso médio albúmen sólido (g)	250	400	350
Produtividade copra (Kg/ha)	3 a 4 mil	4 a 5 mil	2 a 2,5 mil
Teor médio de óleo (%)	25,41	66,01	67,02
Teor médio de ácido láurico (%)	50,16	50,65	52,04
Produtividade de ácido láurico (kg/ha)	380 a 510	1300 a 1700	650 a 900
Produção de água (ml)	200 a 300	400 a 550	500 ou mais
Destino produção	In natura Agroindústria	In natura Agroindústria	In natura Agroindústria

Fonte: Adaptado de Martins e Jesus Júnior (2014) e Fontes (2002).

Em geral, o coco seco usado para a produção de coco ralado provém da variedade Gigante, o coco verde para

a produção de água de coco é obtido da variedade anão e o híbrido destina-se às duas finalidades, tanto para a produção de coco seco quanto de coco verde.

O coco verde e o coco seco podem ser obtidos durante todos os meses do ano, não existindo, portanto, uma estação climática definida para a colheita que é realizada normalmente em dois períodos de maturação, conforme sua finalidade ou mercado a que se destina. Mas vale salientar que, além do mercado, o ponto ideal para a colheita do fruto está associado a indicadores relacionados à planta, ao fruto e às características de produção (ARAGÃO, 2002).

Quando os frutos se destinam ao mercado de coco seco, devem ser colhidos aos 11 ou 12 meses de idade, fase de plena maturação, em que o albúmen sólido se encontra totalmente formado. E quando são destinados ao mercado de coco verde, devem ser colhidos, principalmente, entre o sexto e o sétimo mês, quando se inicia a formação do albúmen sólido, fase em que, além do maior rendimento da água, o sabor é mais agradável, de acordo com a preferência do consumidor (MARTINS; JESUS JÚNIOR, 2014).

O coco verde pode ser colhido a cada 20-35 dias. As estações climáticas definem apenas a intensidade do consumo de água de coco, sendo de 56% no verão; 19% no outono, 19% na primavera e apenas 6% no inverno (CUENCA, 2002). A oferta e a demanda são maiores no período de maior afluência de turismo no litoral brasileiro e de férias escolares. Neste último, o aumento do consumo parece estar associado à substituição do refrigerante e de isotônicos pela água de coco.

Todas as partes do fruto do coqueiro, tanto verde como seco, quer na forma *in natura* ou processada ou ainda artesanal, possuem aproveitamento econômico.

O coco seco é formado pelo epicarpo (casca externa), mesocarpo (fibras e pó), endocarpo (parte rígida que protege a polpa) e endosperma ou albúmen sólido ou polpa (parte branca). Todas essas partes possuem múltiplas aplicações (FONTENELE, 2005):

- As fibras longas do mesocarpo são utilizadas na fabricação de mantas, tapetes, fibra para colchões, cordoaria, peças de carros, barreira sonora, contenção de encostas, vasos, enchimento para bancos automotivos, dentre outros produtos. O pó da casca de coco<sup>2</sup> é utilizado como substrato na agricultura, para retenção de umidade, adubação etc;
- O endocarpo pode ser utilizado como combustível lenhoso, como material impermeabilizante de chapas de madeira compensada, pode ser transformado em carvão ativado (filtro de usinas nucleares), triturado em forma de pó para fabricação de pastilhas de freios e ainda, em trabalhos artesanais;
- O endosperma é utilizado na produção de coco ralado, leite de coco, bebidas, ração animal, óleos, álcool graxo, ácido graxo, glicerina, solventes etc.

1 Segundo informações da Sococo, um coco seco rende 125 gramas de coco ralado integral que é utilizado na produção de coco ralado, leite de coco e óleo de coco (FRANCO, 2013).

2 Resíduo do processamento da casca de coco maduro para a obtenção da fibra longa.

O coco verde é formado pelo mesocarpo fibroso e endosperma ou albúmen líquido ou água de coco. O coco verde também possui variadas aplicações (FONTENELE, 2005):

- O pó da casca de coco verde, obtido através do processamento do mesocarpo fibroso pode ser utilizado como substrato agrícola, na confecção de vasos e placas utilizadas em jardinagem etc. O aproveitamento da casca do coco verde contribui para a solução de problemas ambientais gerados pelo aumento do consumo da água de coco;
- A água de coco é usada como bebida isotônica natural (ASSIS et. al., 2000), reidratante, diurética; pode ser usada como meio de cultura natural e como conservante de sêmen animal; pode também ser empregada como plasma sanguíneo, em tratamentos de emergência.

A produção de coco no Nordeste é realizada, geralmente, por pequenos e médios produtores e, nas demais regiões, o cultivo está sendo feito, em geral, por grandes e médios produtores, grandes empresas agrícolas e agroindustriais.

O coqueiro pode ser cultivado em sistemas agrosilvipastoris, ou seja, permite o consórcio com outras culturas e com a criação de animais, contribuindo com a obtenção de outras fontes de renda para o pequeno produtor.

A venda do coco, tanto seco quanto verde pode ser feita através de três canais:

- Diretamente às indústrias de processamento ou pelos intermediários, excluindo-se a participação dos intermediários externos. Os participantes desses canais são grandes e alguns médios proprietários;
- Os participantes desse canal são os produtores, pequenos intermediários, grandes intermediários e indústrias;
- Na ausência do grande intermediário, o atacadista o substitui na canalização do produto para a indústria (CUENCA, 2002).

O coco seco e o coco verde podem ser produzidos e comercializados durante o ano todo, conseqüentemente gerando renda e empregando mão de obra durante todo o ano.

Na comercialização do coco, tanto seco, quanto verde, as grandes distâncias percorridas pelo produto, principalmente por via terrestre, interferem no custo do frete e na qualidade do fruto, constituindo-se fatores de fundamental importância.

O custo do frete entre o Nordeste e os principais consumidores (Sudeste e Sul) é, em média, 35% a mais que o preço pago ao produtor de coco seco e aproximadamente 133% a mais que o preço pago ao produtor de coco verde. O custo deste é muito mais

elevado, por ter maior volume e peso<sup>3</sup>, bem como menor preço por fruto. Aliado a esse fator, os atritos durante o transporte podem causar deformações e manchas escuras no coco verde, interferindo na qualidade e aceitação do produto pelo consumidor.

Ainda com relação à comercialização do coco verde, deve-se levar em consideração também a perecibilidade do fruto, cujo tempo de vida útil após a colheita é de aproximadamente quinze dias, com perdas que chegam a 8% do total de frutos comercializados, mesmo manuseados corretamente (CUENCA, 2002).

Os derivados do fruto do coqueiro foram ampliados a partir do aproveitando industrial de suas partes. E as formas de apresentações<sup>4</sup> dos produtos derivados do albúmen sólido e líquido estão cada vez mais diversificadas buscando atender as necessidades e preferências dos consumidores:

- A água de coco está sendo apresentada para comercialização na forma natural ou envasada em embalagens de 200 ml a 1 litro, congelada sem uso de conservantes ou -envasada em embalagens do tipo longa vida;
- O óleo do coco é apresentado em formas, embalagens, tamanhos e sabor variados, óleo de coco sem sabor, sabor limão, sabor laranja, óleo de coco virgem, extravirgem, extravirgem orgânico, óleo de coco e palma spray, cápsula de óleo de coco extravirgem, cápsula de óleo de coco com chia etc;
- O coco ralado é apresentado para comercialização em embalagens de 50g até 1kg, adoçado, sem açúcar, em flocos, queimado, úmido, desidratado parcialmente desengordurado, coco ralado flocos desidratados integrais, coco ralado flocos úmido e adoçado;
- O leite de coco é envasado em vidro e embalagens do tipo longa vida de tamanhos de 200ml a 1 litro e apresentado como leite de coco, coco show, profissional, pasteurizado, esterilizado, pasteurizado – light, pronto para beber (leite de coco mais chocolate) e leite em pó;
- Outros subprodutos menos tradicionais que também estão nas prateleiras dos supermercados são o açúcar, a farinha, a manteiga e os chips de coco. Estes últimos são apresentados em diferentes sabores e na forma orgânica, com vistas a ganhar mais outros grupos de consumidores.

### 3. PRODUÇÃO MUNDIAL

Atualmente, a área mundial colhida com coco é cerca de 12 milhões de hectares, produzindo 61,1 milhões de toneladas. O maior produtor mundial de coco é a Indonésia, seguida pelas Filipinas, que possui a maior área plantada, e depois pela Índia, terceira em produção e em área plantada. Esses três países são responsáveis por

3 Um caminhão com capacidade para 18 toneladas transporta aproximadamente 18.000 cocos secos ou 6.500 frutos verdes (CUENCA, 2002).

4 Conforme as apresentações, existem variações no preço de um mesmo produto.

72,6% da área e 72,8% da produção mundial.

O Brasil continua tendo a sexta maior área mundial, apesar da grande perda (-21,6%) entre os anos de 2010 e 2017, em função das adversidades climáticas, desde 2012, que provocaram a morte de coqueirais no Nordeste, maior região produtora do País. Nesse mesmo período, a produção brasileira também caiu 17,6%, perdendo sua quarta colocação para o Sri Lanca e passando a quinto maior produtor mundial de coco, com 2,3 milhões de toneladas (Tabela 1).

O aumento da produção mundial no período (2010 a 2017) foi mais em função do aumento de área nos principais produtores mundiais, visto que houve decréscimo dos seus rendimentos, com destaque para as Filipinas que, em 2014, teve vários coqueirais devastados por um tufão, acarretando a queda de produção e produtividade nas áreas atingidas (Gráfico 1).

Para 2018, estima-se a produção mundial de 61,3 milhões de toneladas de coco, quantidade 0,3% maior que a de 2017 (Tabela 1).

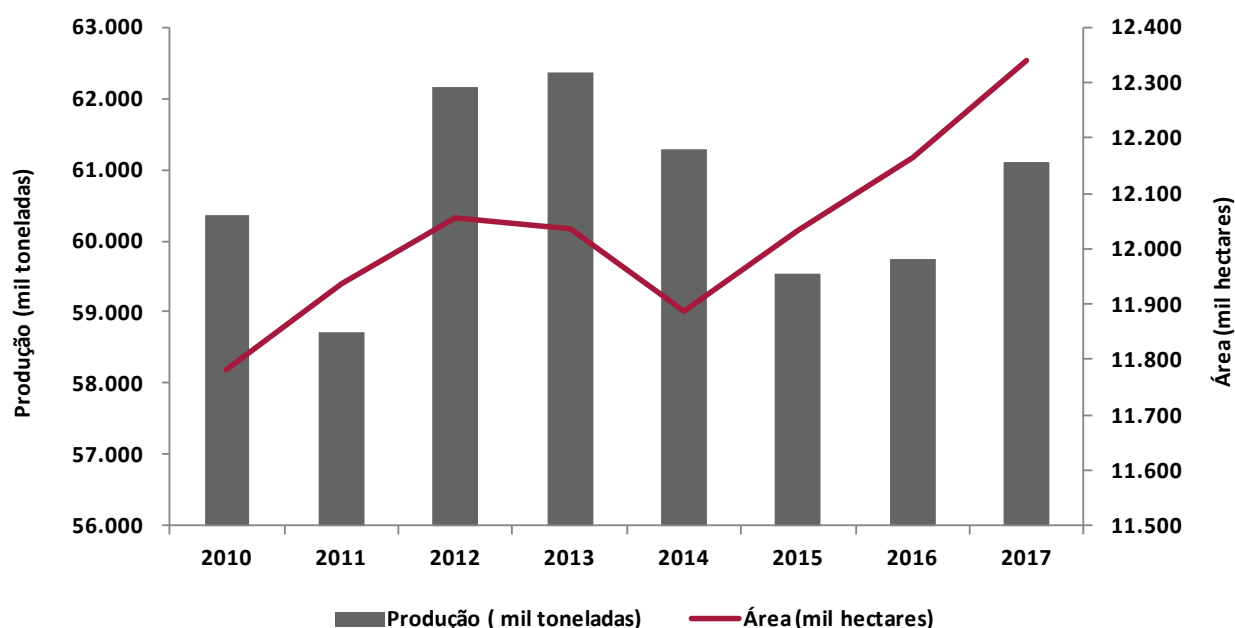
**Tabela 1 - Produção mundial de coco, área colhida e rendimento nos anos de 2010, 2016, 2017 e projeção da produção para 2018**

Principais produtores mundiais	Área colhida					Quantidade produzida						Rendimento				
	Mil hectares			Variação %		Milhões de toneladas			Variação %			(kg/ha)		Variação %		
	2010	2016	2017	10-17	16-17	2010	2016	2017	Projeção 2018	10-17	16-17	2010	2016	2017	10-17	16-17
Indonésia	2.980	3.150	3.260	9,4	3,5	18,00	17,96	18,98	19,13	5,5	5,7	6.040	5.703	5.823	-3,6	2,1
Filipinas	3.576	3.565	3.612	1,0	1,3	15,51	13,83	14,05	13,85	-9,4	1,6	4.337	3.878	3.889	-10,3	0,3
Índia	1.896	2.082	2.081	9,8	-0,0	10,84	11,17	11,47	11,56	5,8	2,6	5.718	5.367	5.512	-3,6	2,7
Sri Lanca	395	409	409	3,6	-0,0	1,99	2,52	2,58	2,67	29,4	2,0	5.041	6.166	6.293	24,8	2,1
Brasil	275	234	216	-21,6	-7,9	2,84	2,65	2,34	2,28	-17,6	-11,6	10.336	11.320	10.863	5,1	-4,0
Vietnã	140	147	148	5,6	0,9	1,16	1,47	1,50	1,55	29,0	2,0	8.284	10.011	10.123	22,2	1,1
Papua Nova Guiné	221	206	205	-7,3	-0,6	1,21	1,18	1,20	1,20	-0,6	1,6	5.475	5.746	5.874	7,3	2,2
México	179	183	184	2,7	0,6	1,13	1,16	1,16	1,16	2,4	0,1	6.322	6.340	6.306	-0,3	-0,5
Tailândia	231	190	192	-16,9	1,1	1,30	0,90	0,90	0,85	-31,1	-0,6	5.621	4.737	4.661	-17,1	-1,6
Demais Países	1.889	1.999	2.032	7,6	1,6	6,38	6,91	6,92	7,00	8,4	0,3	3.380	3.454	3.408	0,8	-1,3
Total mundial	11.782	12.165	12.339	4,7	1,4	60,37	59,75	61,10	61,27	1,2	2,3	5.124	4.912	4.952	-3,4	0,8

Fonte: FAOSTAT (2018).

Nota: FAOSTAT considerou o peso de cada fruto igual a 1,5kg no cálculo da quantidade produzida. Projetou-se a produção para 2018, calculando-se a taxa geométrica de crescimento anual com base nos dados de 2010 e 2017 da FAOSTAT, desconsiderando outras variáveis.

**Gráfico 1 - Evolução mundial da área e produção de coco no período de 2010 a 2017**

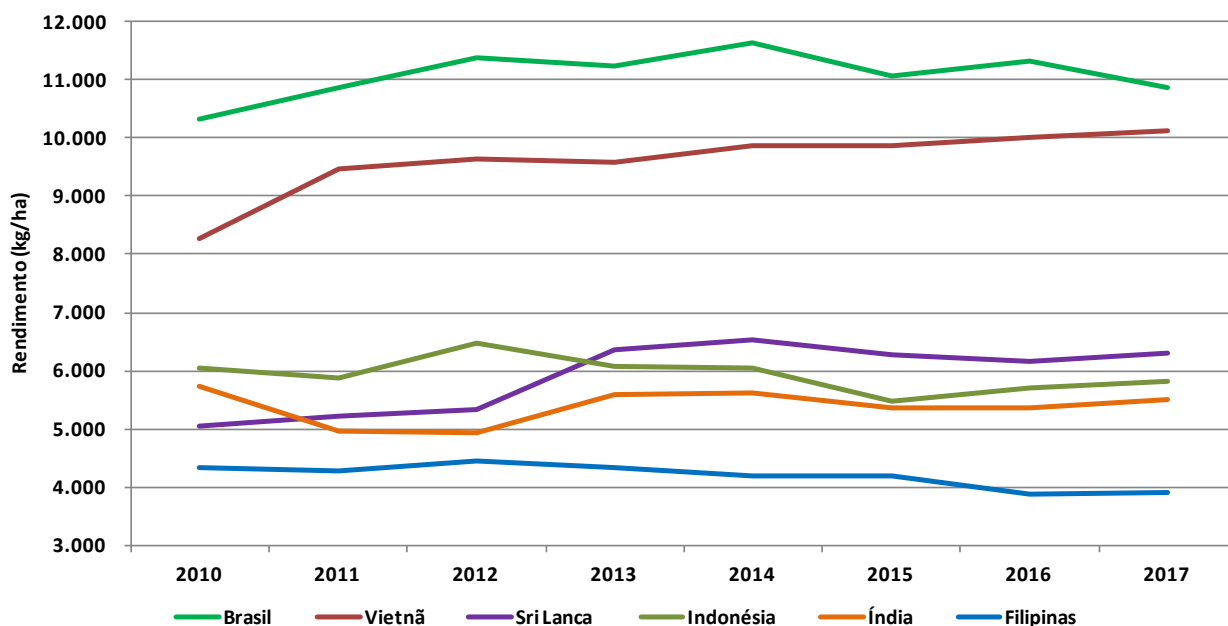


Fonte: FAOSTAT (2018).

Os rendimentos mundiais do coco estão cada vez mais baixos, uma média de 4.952 kg/ha, possivelmente porque a cultura é explorada de forma quase extrativista por pequenos produtores que não dispõem de muitos recursos para aumentarem seus níveis tecnológicos. Segundo Martins e Jesus Júnior (2014), cerca de 90% da produção de coco do mundo provêm de pequenos produtores, com áreas de até cinco hectares.

Dentre os maiores produtores mundiais, o Brasil é quem possui o maior rendimento (10.863 kg/ha) (**Gráfico 2; Tabela 1**), que está relacionado à tecnologia empregada na cultura, como condução e manejo dos coqueirais, sistemas intensivos de cultivo e variedades melhoradas do tipo anão e híbrido. Essas variedades, não apenas promoveram o aumento da produtividade, como propiciaram a expansão do cultivo para lugares onde não havia tradição (MARTINS; JESUS JÚNIOR, 2014).

**Gráfico 2 - Evolução do rendimento dos principais produtores mundiais de coco, no período de 2010 a 2017.**



Fonte: FAOSTAT (2018).

## 4. PRODUÇÃO NACIONAL E REGIONAL

O coqueiro está sendo cultivado em todas as regiões do Brasil. Segundo os dados do Sindcoco (2018), a área do coqueiro Gigante ainda prevalece (57,9%), mas a produção do Anão e do Híbrido já ultrapassou três vezes mais aquela variedade em função das maiores produtividades. No entanto, no Nordeste existe uma grande demanda por sementes de Híbrido e praticamente um fornecedor para atender a toda a Região, causando a elevação do preço da muda e tornando inviável o plantio dessa cultivar para muitos produtores (**Quadro 2**).

Atualmente, a área brasileira é de 215,7 mil hectares, com produção de 1.562 milhões de frutos. Nos últimos anos, a produção brasileira vinha se mantendo em torno de 1.900 milhões de frutos, vindo a cair a partir de 2015, principalmente em função do déficit hídrico ocasionado pelas frequentes secas ocorridas na Região Nordeste. Entre 2016 e 2017, a queda de produção foi de 11,6%, perda equivalente a 205 milhões de frutos (**Tabela 2**).

**Quadro 2 - Estimativas de área e de produção, por tipo de coqueiro e por Região (2017)**

País e Regiões	Área colhida (ha)		
	Anão e Híbrido	Gigante	Total
Brasil	113.200	156.000	269.200
Norte	10.000	18.000	28.000
Nordeste	80.000	138.000	218.000
Sudeste	20.000	-	20.000
Sul	200	-	200
Centro-Oeste	3.000	-	3.000
	Produção (mil frutos)		
Brasil	1.485.184	452.300	1.937.484
Norte	131.200	54.000	185.200
Nordeste	1.049.600	398.300	1.447.900
Sudeste	262.400	-	262.400
Sul	2.624	-	2.624
Centro-Oeste	39.360	-	39.360

Fonte: SINDCOCO (2018).

**Tabela 2 - Área colhida, produção e rendimento de coco-da-baía, por região e estados da Área de Atuação do BNB**

País, Regiões e Estados da Área de Atuação do BNB	Área colhida (hectares)				Quantidade produzida (mil frutos)				Rendimento (frutos/ha)			
	2010	2016	2017	16-17 (%)	2010	2016	2017	16-17 (%)	2010	2016	2017	16-17 (%)
Brasil	275.091	234.128	215.683	-7,9	1.895.635	1.766.866	1.561.961	-11,6	6.890	7.547	7.242	-4,0
Nordeste	223.566	194.757	178.840	-8,2	1.297.528	1.355.893	1.155.783	-14,8	5.803	6.962	6.463	-7,2
Sudeste	20.351	16.052	14.619	-8,9	300.517	189.690	200.618	5,8	14.766	11.817	13.723	16,1
Norte	27.439	21.223	20.569	-3,1	255.048	195.378	186.528	-4,5	9.295	9.206	9.068	-1,5
Centro-Oeste	3.535	1.865	1.430	-23,3	40.260	24.542	17.528	-28,6	11.388	13.159	12.257	-6,9
Sul	200	231	225	-2,6	2.282	1.363	1.504	10,3	11.410	5.900	6.684	13,3
Bahia	76.985	69.114	47.638	-31,1	502.364	542.217	350.868	-35,3	6.525	7.845	7.365	-6,1
Sergipe	41.890	37.118	36.821	-0,8	253.621	230.646	234.332	1,6	6.054	6.214	6.364	2,4
Ceará	44.221	38.986	38.965	-0,1	266.263	262.226	186.732	-28,8	6.021	6.726	4.792	-28,8
Pernambuco	10.059	6.708	7.685	14,6	71.346	130.491	158.879	21,8	7.092	19.453	20.674	6,3
Norte do Espírito Santo	8.711	8.630	8.563	-0,8	134.977	81.703	109.110	33,5	15.495	9.467	12.742	34,6
Alagoas	12.576	17.906	23.338	30,3	55.320	75.136	102.159	36,0	4.398	4.196	4.377	4,3
Rio Grande do Norte	22.541	14.684	15.140	3,1	62.417	62.504	69.076	10,5	2.769	4.257	4.562	7,2
Paraíba	11.454	7.087	6.381	-10,0	63.267	34.566	36.547	5,7	5.523	4.877	5.727	17,4
Piauí	1.268	714	635	-11,1	14.762	10.299	9.720	-5,6	11.641	14.424	15.307	6,1
Norte de Minas Gerais	1.062	797	486	-39,0	19.053	15.409	9.209	-40,2	17.941	19.334	18.949	-2,0
Maranhão	2.572	2.440	2.237	-8,3	8.168	7.808	7.470	-4,3	3.175	3.200	3.339	4,3
Área de Atuação BNB	233.339	204.184	187.889	-8,0	1.451.558	1.453.005	1.274.102	-12,3	6.221	7.116	6.781	-4,7

Fonte: IBGE (2018).

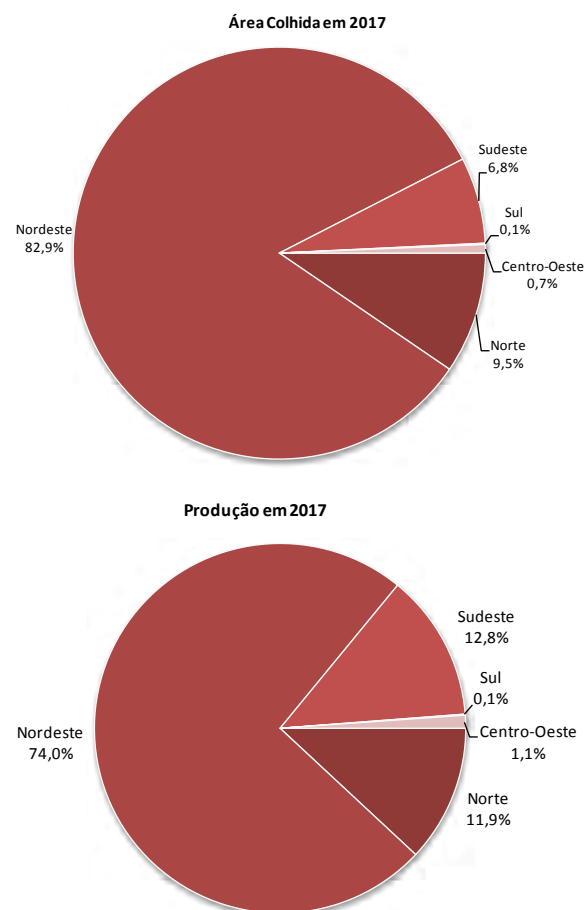
Como dito anteriormente, a Região Nordeste é a principal produtora nacional de coco, cuja posição foi conquistada desde a introdução do coqueiro no País e que ainda vem se mantendo, devido às condições edafoclimáticas favoráveis nas zonas litorâneas. Nessa Região concentram-se 82,9% da área colhida de coco do Brasil e 74,0% de sua produção (Gráfico 3).

Vale salientar que, na década de 1990, a Região Nordeste participava com 92,6% da área colhida de coco no Brasil, percentual que foi caindo à medida que o cultivo de coco foi se expandindo para outras regiões<sup>5</sup> sem tradição de cultivo e com características de produção diferenciadas daquelas empregadas nos primeiros plantios, nas regiões litorâneas do Nordeste.

A expansão do coqueiro para outras regiões se deu em função de uma crescente demanda por água de coco<sup>6</sup> e consequente elevação de seu preço. Esse fato gerou uma grande mudança na cultura do coqueiro no Brasil, a partir da modernização do seu processo produtivo, com utilização intensiva de insumos, de tecnologia, implantação de grandes projetos em perímetros irrigados e utilização da variedade de coqueiro Anão Verde, ampliando a produção<sup>7</sup> e a produtividade por área plantada (FONTES; WANDERLEY, 2006; CAVALCANTE, 2015).

5 O cultivo se expandiu para as regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste.  
 6 Com a busca por um estilo de vida mais saudável, aliada às estratégias de mercado sobre as qualidades nutricionais e propriedades funcionais da água de coco, houve um expressivo aumento de seu consumo.  
 7 O aumento da produção se deu numa proporção muito maior em função da elevação da produtividade do que pela expansão das áreas. No período entre 1990 e 2010, a área brasileira cultivada com coqueiro cresceu 28,6%, enquanto a produção e a produtividade cresceram, respectivamente, 158,1% e 100,7% (IBGE, 2018).

**Gráfico 3 - Área colhida e produção de coco-da-baía, por Região (2017)**



Fonte: IBGE (2018).

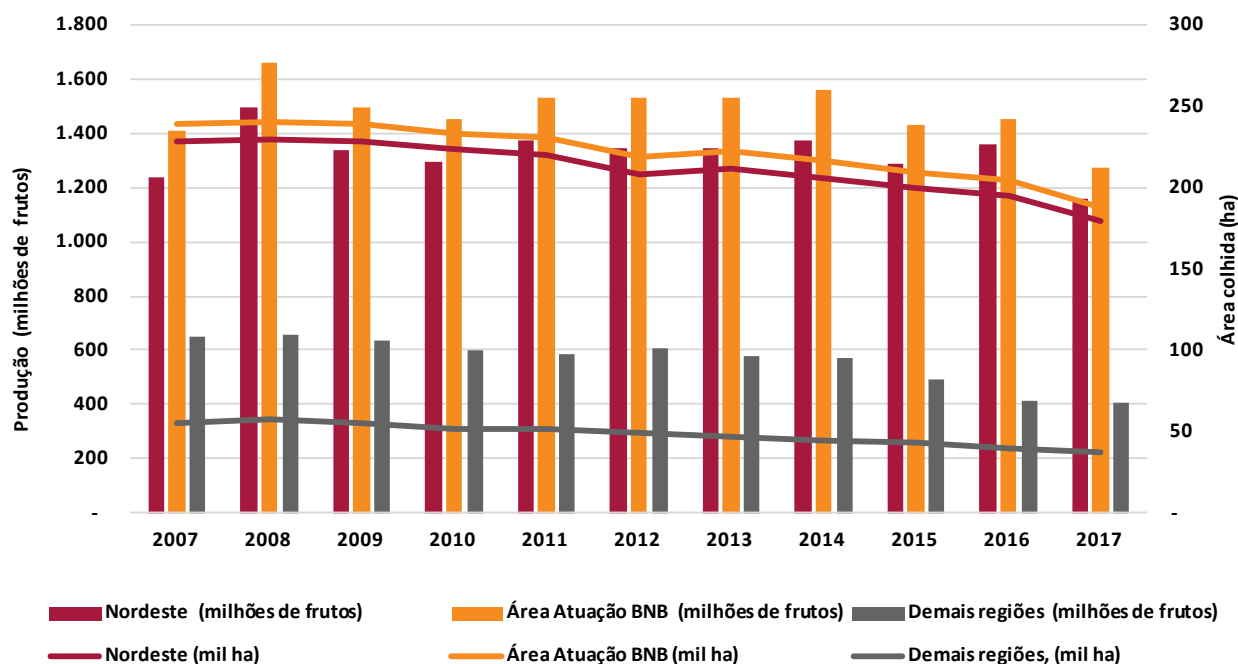
Como os plantios de coqueiro se expandiram também para o norte de Minas Gerais e norte do Espírito Santo, a participação da Área de Atuação do BNB é maior que a nordestina, 87,1% da área cultivada no Brasil e 81,6% da produção nacional (**Tabela 2, Gráfico 4**).

Entre os anos de 2016 e 2017, todas as regiões tiveram suas áreas colhidas reduzidas, sobretudo a Região Nordeste, cuja perda foi seis vezes maior que as demais regiões conjuntas: 16 mil hectares a menos, grande parte, devastados pela escassez hídrica que ainda perdura na

Região. Os rendimentos também caíram de 6.962 para 6.463 frutos/ha (-7,2%), gerando um prejuízo de 200 milhões de frutos em apenas um ano.

Na Área de Atuação do BNB, as perdas foram amenizadas pelo ganho de produção (33,5%) e de produtividade (34,6%) nos plantios do Norte do Espírito Santo (**Tabela 2, Gráfico 4**), onde as condições climáticas foram melhores, aliadas ao tipo de variedade implantada (Anão Verde), ao sistema produtivo empregado, em geral com irrigação e com manutenção dos pomares.

**Gráfico 4 - Evolução da área colhida e da produção de coco-da-baía, por região, no período de 2007 a 2017.**



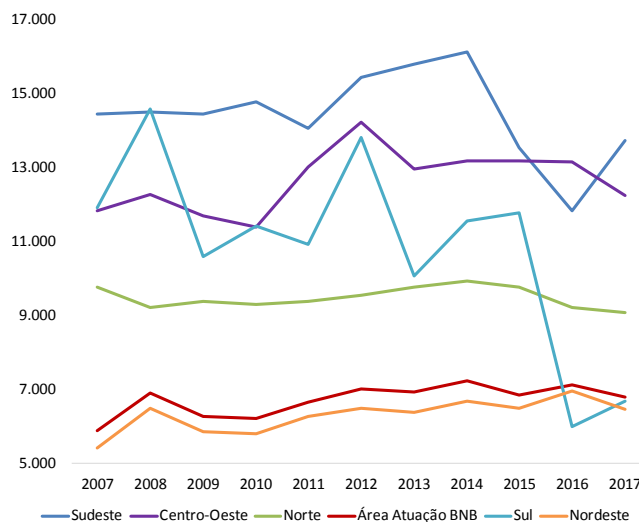
Fonte: IBGE (2018).

Nota: Desde 2003, o Estado vem desenvolvendo uma política de consolidação do polo de coco, cujos municípios escolhidos como áreas prioritárias foram Aracruz, Boa Esperança, Conceição da Barra, Fundão, Ibiracú, Jaguaré, João Neiva, Linhares, Montanha, Pedro Canário, Pinheiros, Rio Bananal, São Gabriel da Palha, São Mateus, Sooretama e Vila Valério (BENASSI; FANTON; SANTANA, 2013). Desses, somente Aracruz, Ibiracú e João Neiva não fazem parte da Área de Atuação do BNB.

As regiões Sudeste e Centro-Oeste apresentam os rendimentos mais elevados do País, respectivamente, 13.723 e 12.257 frutos/ha, em 2017. A região Norte vem mantendo seus rendimentos praticamente estáveis, em torno de 9.100 frutos/ha. E o Nordeste, apesar de maior produtor, apresenta o menor desempenho em produtividade (6.463 frutos/ha, em 2017), em função das restrições hídricas tanto para a produção de sequeiro como irrigada. A Área de Atuação do BNB segue praticamente a mesma tendência da Região Nordeste (**Tabela 2; Gráfico 5**).

Além dos problemas climáticos, a baixa produtividade dos coqueiros na Região Nordeste é o resultado de fatores relacionados à variedade de coco explorada e ao nível tecnológico empregado nas regiões litorâneas. Nessas áreas, ainda predomina o sistema de cultivo semiextrativista, com baixa fertilidade e sem adoção de práticas de manejo cultural. A variedade plantada, em sua maioria, é de coqueiro gigante destinado à produção de coco seco, com baixos preços no mercado e pouca remuneração ao produtor (MARTINS; JESUS JÚNIOR, 2014).

**Gráfico 5 - Rendimento do coco-da-baía, por região, no período de 2007 a 2017**



Fonte: IBGE (2018).

Na Região Norte, prevalecem as variedades híbrida e gigante e, nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a variedade mais plantada é do coqueiro anão, destinado à produção de água, com maior remuneração e preço pago ao produtor (CAVALCANTE, 2015).

Essa remuneração pode ser visualizada muito mais quando se considera o valor da produção em relação à área colhida. Ou seja, o Nordeste é a região que apresenta o maior valor da produção, contudo é a de menor remuneração, 4.442 reais/ha, valor três vezes menor que o Sudeste que foi de 11.774 reais/ha (**Tabela 3**).

**Tabela 3 - Valor da produção, remuneração e preço do fruto por região, em 2017**

País, Regiões e Estados da Área de Atuação do BNB	Área colhida (ha)	Produção (mil frutos)	Valor da produção (mil reais)	Remuneração (reais/ha)	Preço (reais/fruto)
Brasil	215.683	1.561.961	1.120.335	5.194	0,72
Sudeste	14.619	200.618	172.130	11.774	0,86
Centro-Oeste	1.430	17.528	16.362	11.442	0,93
Sul	225	1.504	1.680	7.467	1,12
Norte	20.569	186.528	135.692	6.597	0,73
Nordeste	178.840	1.155.783	794.472	4.442	0,69
Norte de Minas Gerais	486	9.209	8.684	17.868	0,94
Piauí	635	9.720	8.997	14.169	0,93
Pernambuco	7.685	158.879	77.175	10.042	0,49
Norte do Espírito Santo	8.563	109.110	78.167	9.128	0,72
Bahia	47.638	350.868	254.549	5.343	0,73
Sergipe	36.821	234.332	146.210	3.971	0,62
Alagoas	23.338	102.159	91.175	3.907	0,89
Ceará	38.965	186.732	145.361	3.731	0,78
Paraíba	6.381	36.547	21.643	3.392	0,59
Rio Grande do Norte	15.140	69.076	43.805	2.893	0,63
Maranhão	2.237	7.470	5.559	2.485	0,74
Área Atuação BNB	187.889	1.274.102	881.325	4.691	0,69

Fonte: IBGE (2018).

## 5. PRODUÇÃO ESTADUAL

Os plantios de coco estão difundidos por todo território nacional, com exceção apenas dos estados do Amapá, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os três primeiros produtores nacionais, nessa ordem, Bahia, Sergipe e Ceará, pertencem à Área de Atuação do BNB. Suas áreas e produções conjuntas representam, respectivamente, 57,2% e 49,4% do total nacional, no entanto, Pernambuco, Espírito Santo e Alagoas vêm ganhando participação (**Gráfico 6**).

Em 2017, a Bahia produziu 351 milhões de frutos e Sergipe, com a produção de 234 milhões, ultrapassou o Ceará que produziu 187 milhões (**Tabela 2**).

O Pará permanece como quarto produtor nacional (**Gráfico 6**), onde se encontra a maior área contínua de cultivo de coco do mundo. Em 2017, produziu 174 milhões de frutos em uma área colhida de 18,6 mil hectares (**IBGE, 2018**).

Pernambuco é o quinto maior produtor nacional de coco, mas é o estado nordestino que alcançou o maior rendimento (20.674 mil frutos/ha), em 2017, em virtude,

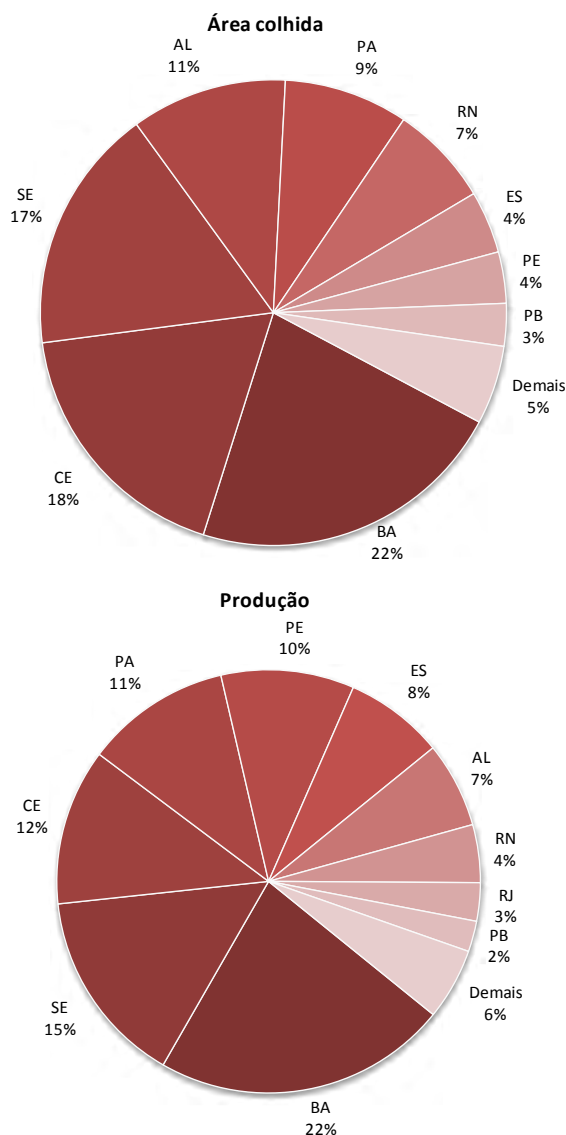
principalmente, da produção localizada no Vale do São Francisco. Nesse mesmo ano, colheu-se uma área de 7,7 mil ha com produção de 159 milhões de frutos (**Tabela 2; Gráfico 7**).

Os três estados que possuem as maiores produções, Bahia, Sergipe e Ceará, apresentam rendimento três vezes menor que o de Pernambuco. Isso porque grande parte dos coqueirais desses três estados estão localizados em zonas litorâneas e cultivados em sistemas semiextrativistas.

No caso do Ceará, a situação ficou mais crítica ainda, pois o rendimento tornou-se quatro vezes menor que o de Pernambuco. Além da baixa produtividade dos antigos coqueirais (gigantes) para produção de coco seco, os plantios da variedade anão para produção de água também sofreram queda de 45,1% do rendimento, entre 2017 e 2016, em virtude da escassez hídrica para irrigação. Mas, em 2018, houve uma elevação do rendimento, possivelmente porque produtores localizados em perímetros irrigados investiram em perfuração de poços, promovendo a revitalização da produção de coco para água (**Tabela 4**).



**Gráfico 6 - Área colhida e produção de coco-da-baía dos maiores produtores estaduais no ano de 2017**



Fonte: IBGE (2018).

O Norte de Minas Gerais, Piauí e Norte do Espírito Santo apresentam elevados rendimentos, contudo a soma de suas áreas representa apenas 5,2% da Área de Atuação do BNB (**Tabela 2, Gráfico 7**).

Em geral, os estados que apresentam os maiores rendimentos são também os que sofreram com maiores oscilações ao longo do período de 2007 a 2017. Vale destacar que mesmo com oscilações, Pernambuco apresenta os rendimentos sempre crescentes.

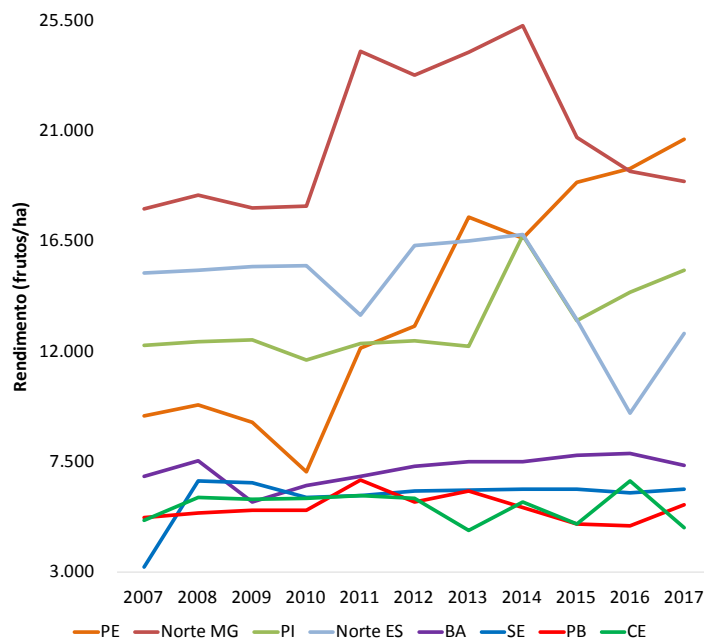
Por outro lado, a Bahia e Sergipe têm mantido seus baixos rendimentos quase estáveis. O Ceará e a Paraíba possuem os mais baixos rendimentos dentre os estados da Área de Atuação do BNB; entretanto percebe-se constante tentativa de recuperação, passando também por oscilações (**Gráfico 7**).

**Tabela 4 - Comparativo da produção, área e rendimento do coco seco e coco água no estado do Ceará, entre 2016 e 2018**

Variável	Coco-da-baía (água)			2018 (%)
	2016	2017	2018	
Área Colhida (ha)	11.410	11.603	12.303	32,1
Produção (mil frutos)	169.409	94.493	167.619	66,0
Rendimento (frutos/ha)	14.847	8.144	13.624	-
	Coco-da-baía (seco)			%
Área Colhida (ha)	27.570	27.362	26.033	67,9
Produção (mil frutos)	93.618	92.240	86.533	34,0
Rendimento (frutos/ha)	3.396	3.371	3.324	-
	Total Estadual			-
Área Colhida (ha)	38.980	38.965	38.336	-
Produção (mil frutos)	263.027	186.733	254.152	-
Rendimento (frutos/ha)	6.748	4.792	6.630	-

Fonte: IBGE/LSPA (Série 2016 a 2018).

**Gráfico 7 - Rendimento dos principais estados produtores de coco-da-baía na Área de Atuação do BNB.**



Fonte: IBGE (2018).

## 6. PRODUÇÃO MUNICIPAL

O principal produtor municipal de coco do Brasil, em 2017, foi Petrolina, localizado em Pernambuco, que se destacou pelo elevado rendimento de 35 mil frutos/ha (**Tabela 5; Anexo 1**). Esse padrão foi alcançado, principalmente, em função da totalidade dos cultivos serem irrigados (grande parte da produção é proveniente do Perímetro Irrigado Nilo Coelho) e da variedade utilizada, que é sempre de coqueiro anão. Como o cultivo é irrigado, a colheita acontece ao longo de todo o ano, tanto para o coco verde como para o coco seco.

O segundo maior produtor é o Município de Moju, no Pará, onde se encontra a maior área de cultivo contínuo de coqueiros da variedade híbrida, em regime de sequeiro, implantada pela Sococo S/A Indústrias Alimentícias.

O terceiro maior produtor nacional é o Município de Conde (BA) localizado na zona litorânea da microrregião de Entre Rios e destaca-se por concentrar 27,3% da área colhida e 20,0% da produção do Estado.

Destacam-se como quarto e sétimo produtores nacionais, os municípios de Estância (SE) e Santa Luzia do Itanhy (SE), localizados na Mesorregião do Leste sergipano onde os maiores plantios de coqueiro encontram-se próximos ao Litoral do Estado.

O quinto produtor nacional é o município de Juazeiro da Bahia que, semelhantemente a Petrolina (PE), se destaca pelo elevado rendimento de 27.749 frutos/ha, alcançado em função da totalidade dos cultivos serem irrigados (grande parte da produção é proveniente do Perímetro Irrigado Nilo Coelho) e da variedade utilizada (coqueiro anão).

O sexto maior produtor é o Município de Rodelas, localizado na Bahia, no Vale do São Francisco, que se destacou pelo elevado crescimento da produção no período de 2007 a 2016 e pelo rendimento de 60 mil frutos/ha. Em 2017, o rendimento passou a 27 mil frutos/ha, mas continua elevado, visto que a maior parte da produção é proveniente do perímetro irrigado instalado pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf) e a quase totalidade da variedade plantada é de coqueiro anão.

O oitavo e nono produtores municipais de coco no Brasil são, respectivamente, São Mateus e Linhares, localizados no litoral norte do estado do Espírito Santo. Prevalece nos plantios, a variedade Anão Verde, cultivada em sistemas de irrigação.

O décimo produtor municipal, em 2017, foi Trairi, localizado no Norte Cearense, cuja área corresponde a 18,4% dos plantios de coqueiros no Estado, com predomínio de área para produção de coco seco (81,0%).

Alguns municípios que inicialmente se encontravam entre os 10 principais produtores, perderam suas posições porque tiveram queda na produção. É o caso do município de Paraipaba, localizado no Ceará, que alcançou a colocação de maior produtor brasileiro de coco, em 2016. Destacou-se por seu elevado rendimento de 24 mil frutos/ha em função, principalmente, da variedade implantada (99,5% de coqueiro anão) e de grande parte da produção ser proveniente do perímetro irrigado Curu-Paraipaba, localizado às margens do Rio Curu, instalado pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS). Com o prolongamento da seca e consequente escassez hídrica, em 2017, houve redução de 78,2% da produção e o rendimento passou a 4.998 frutos/ha, queda de 79,2%, baixando sua colocação para 13º produtor municipal de coco do Brasil.

Além desses, Goiana, localizado na Mata Pernambucana; os municípios baianos Esplanada e Jandaíra, localizados na zona litorânea da microrregião de Entre Rios, onde predominam os cultivos tradicionais;

Indiaroba e Neópolis, localizados no Leste Sergipano, nesse último predomina o coqueiro anão (mais de 90,0%) ; e Coruripe, no Leste Alagoano, onde cerca de 45,0% dos plantios é da variedade gigante com mais de 20 anos e 55,0% dos plantios são de cultivares do híbrido.

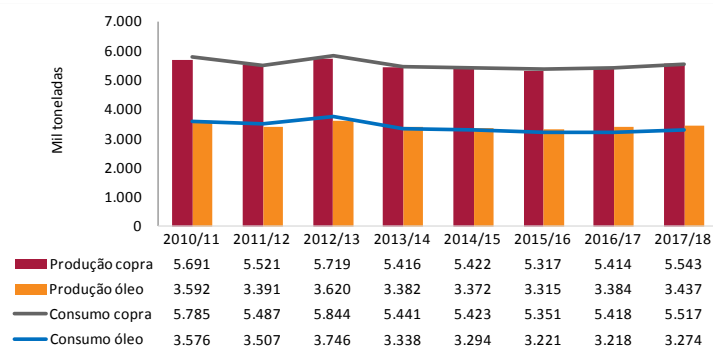
Os municípios onde prevalecem os cultivos sob sistema de irrigação receberam maiores remunerações por área, Petrolina (15,75 mil reais), Juazeiro (11,93 mil reais), Rodelas (10,93 mil reais), São Mateus (10,56 mil reais) e Linhares (8,00 mil reais) (Tabela 5; Anexo 1).

## 7. MERCADO MUNDIAL

Quase todos os produtores mundiais de coco destinam o fruto, principalmente, à produção de copra e óleo, constituindo-se os principais produtos comercializados no mercado internacional.

A partir do Gráfico 8, percebe-se que o mercado mundial de copra é consolidado. No período entre 2010 e 2017, a produção e o consumo de copra, bem como a produção de óleo sofreram pequenas quedas, entre 2,6% a 4,6%. A maior queda foi no consumo de óleo de coco (8,4%) (Gráfico 8).

**Gráfico 8 - Evolução da produção e consumo da copra e do óleo de copra (mil toneladas)**



Fonte: AGRIANUAL (2018).

A produção mundial de copra destina-se principalmente ao consumo interno, de maneira que os principais países produtores são também os maiores consumidores. No biênio 2017/2018, a produção foi de 5,54 milhões de toneladas e o consumo de 5,52 milhões de toneladas. Os maiores produtores mundiais de copra foram responsáveis por 83,3% da produção e 84,2% do consumo, respectivamente, Filipinas (41,5%, 42,6%), Indonésia (28,3%, 28,3%) e Índia (13,5%, 13,3%).

A produção mundial de óleo de coco, no biênio 2017/2018, foi de 3,44 milhões de toneladas. As Filipinas participaram com 43,1% da produção e destinaram 57,1% às exportações. A Indonésia foi responsável por 28,9% da produção mundial de óleo de coco e destinou 64,7% de sua produção ao mercado externo. Já a Índia, terceira maior produtora mundial de óleo de coco, consumiu a quase totalidade de sua produção de 460 mil toneladas (Tabela 6; Anexo 1).

Em 2016, as exportações totais de coco e seus derivados foram de 3,9 milhões de toneladas. A Indonésia é a maior exportadora mundial, com um volume total de 1,4 milhão de toneladas; a segunda maior exportadora mundial são as Filipinas, com 1,1 milhão de toneladas. Esses dois países concentraram 66,4% das exportações mundiais de coco e seus derivados (Tabela 7; Anexo 1). Os demais países respondem pelos 33,6% restantes, dentre os quais se encontra o Brasil que exportou apenas 1.047 toneladas de coco fresco, 83 toneladas de coco dessecado e 75 toneladas de óleo de coco (FAOSTAT, 2018).

As importações mundiais de coco e derivados somaram 3.907 mil toneladas, em 2016, tendo como principais importadores os Estados Unidos (15,9%), China (11,9%), Países Baixos (9,4%), Coreia (8,0%) e Malásia (7,8%) que juntos somam 52,9% das importações totais (Tabela 7; Anexo 1). Nesse ano, o Brasil importou 16,7 mil toneladas de coco dessecado, 528 toneladas de coco fresco e 1.628 toneladas de óleo de coco.

## 8. PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO MERCADO MUNDIAL

O Brasil não se encontra entre os maiores mercados mundiais do coco, mas tem participado das exportações de alguns produtos cujo volume total foi de 1,5 mil toneladas, no valor de 1,5 milhão de dólares, em 2017. Para 2018, há previsão de queda das exportações brasileira, pois, faltando apenas um mês para fechar o ano de 2018, a quantidade exportada não ultrapassou o volume do ano anterior (Tabela 8).

Os principais produtos exportados são *cocos frescos*,

*outros óleos de coco (óleos de copra) e cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)* que representaram 99,9% da quantidade e 99,3% dos valores totais exportados, em 2017 (Tabela 8).

O produto denominado *cocos secos, sem casca, mesmo ralados* teve sua importação suspensa, em 2015, depois de experimentar elevado crescimento. Em 2014, foram importados 17,3 mil toneladas desse produto e, a partir daí, as importações foram suspensas. Entretanto, em 2014, como em substituição, iniciaram-se as importações de *cocos, frescos ou secos, dessecados* e, desde então, cresceram 152,5% até 2017.

A Bahia é o principal exportador nacional de coco em volume, concentrando 79,1% do peso total exportado em 2017, mas em valores recebidos, é ultrapassada por Alagoas (Tabela 9). Isso porque a Bahia exportou produto com maior volume e menor preço (*Cocos frescos*), ao passo que Alagoas exportou produtos de maiores valores agregados (*Outros óleos de coco (óleos de copra) e Cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)*) (Tabela 10; Anexo 1).

O Egito (36,7%) e a Espanha (21,2%) compraram quase 60,0% dos produtos exportados pelos estados da Área de Atuação do BNB, em 2017 (Tabela 11).

Ainda nesse ano, o Brasil importou 22,1 mil toneladas no valor de 42,8 milhões de dólares. O peso dos produtos importados foi 14 vezes maior que os exportados e o valor das importações, 29 vezes maior (Tabela 8).

O principal produto importado foi o coco ralado, 17,7 mil toneladas, responsável por 80,0% do peso total. O preço pago pelo quilo de coco ralado importado foi R\$ 18,47 mais barato que o preço recebido pela exportação desse mesmo produto (Tabela 8).

Tabela 8 - Exportações brasileiras de derivados do coco

Produtos	Exportação							Importação						
	Peso (t)			Valor (Mil US\$)			R\$/kg (¹)	Peso (t)			Valor (Mil US\$)			R\$/kg (¹)
	2016	2017	2018*	2016	2017	2018*		2016	2017	2018*	2016	2017	2018*	
Cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)	83	25	35	204	159	198	24,69	16.733	17.703	13.982	25.937	28.468	24.763	6,23
Cocos na casca interna (endocarpo)	22	-	227	11	-	101	-	-	-	-	-	-	-	-
Cocos frescos	1.024	1.460	787	363	932	436	2,47	528	28	332	877	175	871	24,21
Óleo de coco (óleo de copra), em bruto	1	0	1	13	0	6	16,27	673	2.081	831	2.219	8.279	3.140	15,41
Outros óleos de coco (óleos de copra)	75	43	26	238	366	254	33,12	955	1.515	2.435	2.841	4.695	6.936	12,00
Tortas e outros resíduos sólidos do coco ou da copra	0	0	-	0	0	-	4,51	-	-	23	-	-	69	-
Fios de cairo (fios de fibras de coco)	-	0	0	-	1	1	7,99	23	21	67	25	22	93	4,08
Revestimento para pavimento, de cairo (fibras de coco)	1	1	3	9	9	16	54,46	483	787	478	638	1.147	693	5,64
Total	1.206	1.529	1.078	837	1.467	1.012	-	19.395	22.135	18.147	32.538	42.786	36.564	-

Fonte: AGROSTAT (2018).

Nota: (\*) Dados de janeiro a novembro de 2018; (¹) 1 dólar = R\$ 3,8729 (30.11.2018). Desconsiderou-se o preço unitário do coco fresco importado, tanto porque pode estar superdimensionado como também foi importado por estados da região Sudeste que não fazem parte da Área de Atuação do BNB.

Os estados que mais importaram em 2017 foram Alagoas (42,4%); Espírito Santo (34,7%); Ceará (15,3%); Sergipe (7,2%) e Paraíba (0,4%) (**Tabela 9**).

A Indonésia e as Filipinas continuam sendo os principais fornecedores para os estados da Área do BNB, respectivamente, 52,8% e 38,8% do volume importado em 2017 (**Tabela 11**).

Como o Brasil é um dos principais produtores de coco, as importações brasileiras foram iniciadas para atender provisoriamente as indústrias beneficiadoras, em função de uma redução temporária de oferta de coco. Entretanto, outros produtos foram sendo acrescentados e, mesmo

sendo grande produtor, vem aumentando muito as importações, em virtude desses produtos entrarem no País com preços mais vantajosos. O que pode ser observado na **Tabela 8**, onde quase todos os produtos obtiveram preços maiores nas exportações comparados aos das importações.

Mas convém ressaltar que as importações de coco e seus derivados, além de promoverem a evasão de divisas, proporcionam a desestruturação da cocoicultura nacional, uma vez que promove a queda do preço do coco no mercado interno, remunerando menos o produtor que já tem os custos de produção encarecidos pelos custos com insumos internacionais.

**Tabela 9 - Regiões brasileiras e estados da Área de Atuação do BNB exportadores e importadores de coco e seus derivados**

Regiões e Estados da Área de Atuação do BNB	Exportação							Importação						
	Peso (t)			Valor (Mil US\$)			R\$/kg (1)	Peso (t)			Valor (Mil US\$)			R\$/kg (1)
	2016	2017	2018*	2016	2017	2018*	2017	2016	2017	2018*	2016	2017	2018*	2017
Centro-Oeste	0	-	-	1	-	-	-	125	1.314	118	193	1.019	332	3,00
Nordeste	1.070	1.416	895	590	1.114	647	3,05	9.398	8.460	7.588	15.570	18.487	15.042	8,46
Norte	17	17	0	7	78	0	17,27	2.327	2.904	1.779	2.856	3.598	2.516	4,80
Sudeste	103	55	164	179	111	219	7,78	4.991	6.094	6.571	9.302	12.828	14.018	8,15
Sul	15	9	15	59	47	54	20,53	2.554	3.364	2.091	4.618	6.854	4.656	7,89
Indefinida	0	31	3	1	118	93	14,79	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	1.206	1.529	1.078	837	1.467	1.012	3,72	19.395	22.135	18.147	32.538	42.786	36.564	7,49
Alagoas	34	86	47	208	472	340	21,26	5.077	5.495	4.667	9.361	14.420	10.449	10,16
Espírito Santo (2)	0	2	9	3	5	8	10,92	3.826	4.494	4.206	7.033	9.016	8.621	7,77
Ceará	33	41	0	31	26	1	2,40	3.126	1.988	2.505	4.462	2.700	3.945	5,26
Sergipe	1	25	-	10	4	-	0,54	1.120	926	414	1.612	1.239	645	5,18
Paraíba	19	15	56	46	22	44	5,92	75	50	-	135	128	-	9,90
Bahia	913	1.122	780	264	432	248	1,49	-	-	-	-	-	-	-
Maranhão	-	-	0	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-
Minas Gerais (2)	-	0	0	-	2	0	336,94	72	-	-	92	-	-	-
Pernambuco	53	24	11	13	7	13	1,21	-	-	2	-	-	2	-
Rio Grande do Norte	17	103	-	18	151	-	5,67	-	-	-	-	-	-	-
Área do BNB	1.070	1.418	904	593	1.121	655	-	13.296	12.954	11.794	22.696	27.504	23.662	-

Fonte: AGROSTAT (2018).

Nota: (\*) Dados de janeiro a novembro de 2018; (1) 1 dólar = R\$ 3,8729 (30.11.2018); (2) Esses dados são estaduais, porque não foi possível separar os municípios da Área de Atuação do BNB.

**Tabela 11 – Principais Países importações e exportações dos produtos do coco dos estados da Área de Atuação do BNB**

Países	2017		2018 *	
	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)
Principais Países de destino das exportações				
Espanha	300.150	124.958	481.820	144.630
Egito	520.000	157.820	312.012	109.214
Chile	57.199	270.741	11.893	103.784
Estados Unidos	8.274	73.784	14.968	97.785
Paraguai	6.991	52.476	10.339	80.379
Cabo Verde	4.710	40.273	6.450	56.396
Portugal	64.387	20.771	31.668	22.402
Argentina	86.205	110.596	7.655	12.671
Outros	370.386	269.695	27.423	27.695
<b>Total</b>	<b>1.418.302</b>	<b>1.121.114</b>	<b>904.228</b>	<b>654.956</b>
Principais Países de origem das importações				
Indonésia	6.833.365	10.887.289	6.435.500	10.375.845
Filipinas	5.028.838	14.475.480	3.468.698	8.757.105
Uruguai	-	-	701.300	2.088.803
Malásia	576.050	1.158.694	527.570	1.233.903
Sri Lanca	188.200	394.444	267.400	508.001
Vietnã	14.800	54.973	274.750	452.121
Índia	286.677	441.768	45.446	133.189
Cingapura	-	-	73.500	113.113
Outros	25.992	90.947	-	-
<b>Total</b>	<b>12.953.922</b>	<b>27.503.595</b>	<b>11.794.164</b>	<b>23.662.080</b>

Fonte: AGROSTAT (2018); Nota: (\*) Dados de janeiro a novembro de 2018.

Segundo o Sindcoco (2018), as importações de água de coco iniciaram em 2012 e, a partir de então, até 2016, experimentou o acentuado crescimento de 654,0%. Em 2017, as importações caíram abruptamente em relação a 2016 (-70,9%). Possivelmente porque, até esse ano, não existia um código específico que permitisse individualizar e calcular com mais precisão as informações sobre a água de coco<sup>8</sup> nas estatísticas de comércio exterior do Governo Brasileiro.

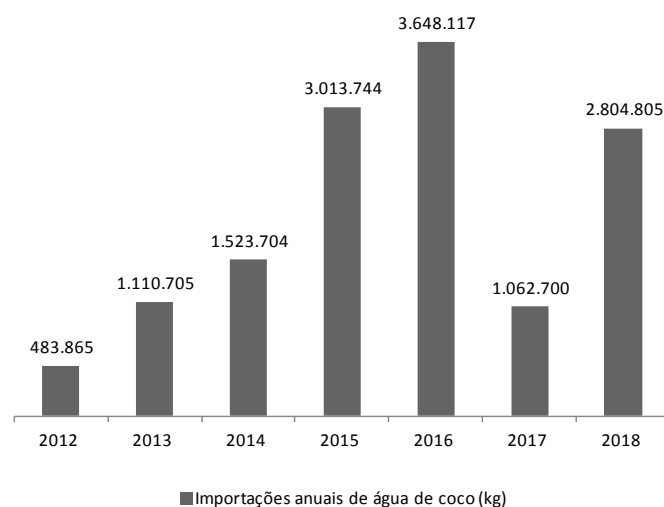
Já entre 2017 e 2018, houve o acréscimo de 1,7 mil toneladas, das quais, 1,4 mil toneladas foram para agroindústrias do Ceará localizadas, principalmente, em municípios com acentuadas quedas de produção de coco ano (Gráfico 9).

Julho foi o mês de maior concentração das importações de água de coco, toda destinada ao Nordeste, sendo 95,0% para o Ceará e 5,0% para Alagoas. Isso pode estar associado ao período de férias escolares e ao aumento do turismo. Filipinas foi o maior fornecedor para esses estados (Gráfico 10).

8 A água de coco estava agrupada no setor de sucos/sucos de outras frutas/demais sucos de fruta e vinha sendo denominada de "suposta água de coco".

Segundo a Nielsen (2016), no Brasil, alguns produtos crescem, mesmo sendo mais caros - e a água de coco está entre eles - porque existe um grupo de consumidores que investe mais na saúde e no cuidado com o corpo. E os maiores consumidores de água de coco pertencem às classes socioeconômicas mais altas, localizando-se, principalmente, na região Sudeste com destaque para o Estado de São Paulo, cujos habitantes consomem, em média, mais de 5 litros de água de coco por ano (NIELSEN BRASIL, 2016a).

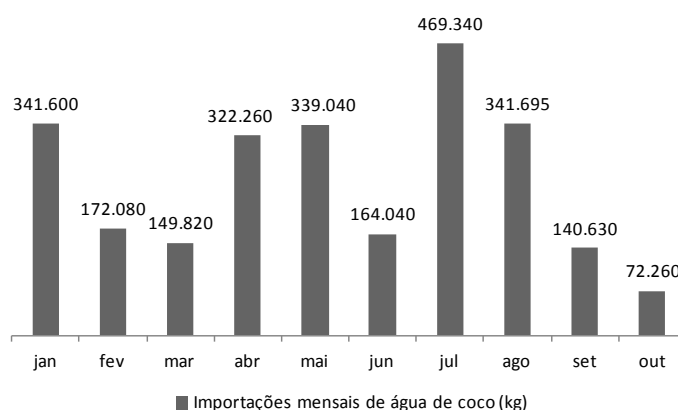
**Gráfico 9 - Evolução das importações anuais de água de coco**



Fonte: SINDCOCO (2018); AGROSTAT (2018).

Nota: Dados do Sindcoco de 2012 a 2016; dados do AGROSTAT: 2017 e 2018

**Gráfico 10 - Importações mensais de água de coco, em 2018**



Fonte: SINDCOCO (2018).

Alguns estados brasileiros estão exportando água de coco pronta para consumo (com brix não superior a 7,4). O Ceará e a Paraíba se encontraram entre esses principais exportadores, com 92,4% e 6,5%, respectivamente, das quantidades, em 2018, cooperando para um saldo positivo no comércio internacional de água de coco (Tabela 12).

Segundo o Sincoco (2018), estão importando água de coco concentrada (com brix superior a 7,4), para diluí-la e transformá-la em produto pronto para o consumidor final, cujo brix não pode ser superior a 7,4. Como a água de coco importada é concentrada, é coerente que o preço unitário do quilo seja superior ao da água de coco diluída para exportação (Tabela 12).

A diluição é na proporção de 1,0kg de água de coco concentrada para, em média, 13,0kg de água (segundo o gosto do mercado consumidor), transformando-se em 14,0kg de

água de coco destinados ao consumo (SINDCOCO, 2018).

Considerando essa informação, os estados de Alagoas, Ceará e Paraíba produziram, juntos, 37,6 mil toneladas de água de coco prontas para consumo, ficando 16,2% no mercado interno e destinando 83,6% aos seguintes Países: Argentina, Angola, Bélgica, Bahamas, Cabo Verde, Canadá, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Dinamarca, Emirados Árabes, Equador, Espanha, Estados Unidos, Israel, Itália, Malásia, México, Países Baixos, Panamá, Paraguai, Portugal e Porto Rico, 23 Países.

**Tabela 12 - Estados brasileiros exportadores e importadores de água de coco**

Estados exportadores e importadores	Exportação					Importação				
	2017		2018		2018	2017		2018		2018
	Peso (kg)	Valor (US\$)	Peso (kg)	Valor (US\$)	R\$/kg(1)	Peso (kg)	Valor (US\$)	Peso (kg)	Valor (US\$)	R\$/kg(1)
Água de coco com brix não superior a 7,4	6.594.354	7.931.424	31.710.411	35.894.496	4,39	-	-	-	-	-
Alagoas	33.403	47.318	185.946	257.699	5,37	-	-	-	-	-
Bahia	-	-	39.125	66.271	6,56	-	-	-	-	-
Ceará	5.761.736	6.535.783	29.303.623	31.820.005	4,21	-	-	-	-	-
Maranhão	-	-	10	25	9,69	-	-	-	-	-
Pará	-	-	4.200	27.760	25,61	-	-	-	-	-
Paraíba	764.043	1.304.863	2.065.767	3.582.358	6,72	-	-	-	-	-
Pernambuco	27.696	31.400	81.937	91.834	4,34	-	-	-	-	-
São Paulo	7.476	12.060	29.803	48.544	6,31	-	-	-	-	-
Água de coco com brix superior a 7,4	-	-	-	-	-	1.062.700	3.321.658	2.804.805	8.598.272	11,88
Alagoas	-	-	-	-	-	155.820	475.479	383.190	1.124.255	11,37
Ceará	-	-	-	-	-	774.100	2.404.286	2.193.710	6.821.365	12,05
Minas Gerais (2)	-	-	-	-	-	-	-	116.605	346.256	11,51
Paraíba	-	-	-	-	-	132.780	441.893	111.300	306.396	10,67

Fonte: AGROSTAT (2018).

Notas: (1) 1 dólar = R\$ 3,8748005 (31.12.2018); (2) Esses dados são estaduais porque não foi possível separar os municípios da Área de Atuação do BNB.

## 9. MERCADO NACIONAL E REGIONAL DE COCO VERDE e COCO SECO

Seguindo o critério de análise da Ceagesp, a comercialização de coco verde pode ser considerada forte de outubro a janeiro, período que coincide com meses mais quentes nas regiões Sul e Sudeste, quando aumenta o consumo por água de coco. Nos meses de março a agosto, a comercialização é considerada fraca, época em que começa a esfriar até chegar o inverno. Fevereiro e setembro são considerados meses de comercialização média (Gráfico 11).

Com relação ao coco seco, há uma grande oscilação mensal que pode ser analisada da seguinte forma: forte comercialização nos meses de março, julho e outubro; média nos meses de abril, junho, novembro e dezembro; e fraca nos meses de janeiro, fevereiro, maio, agosto e

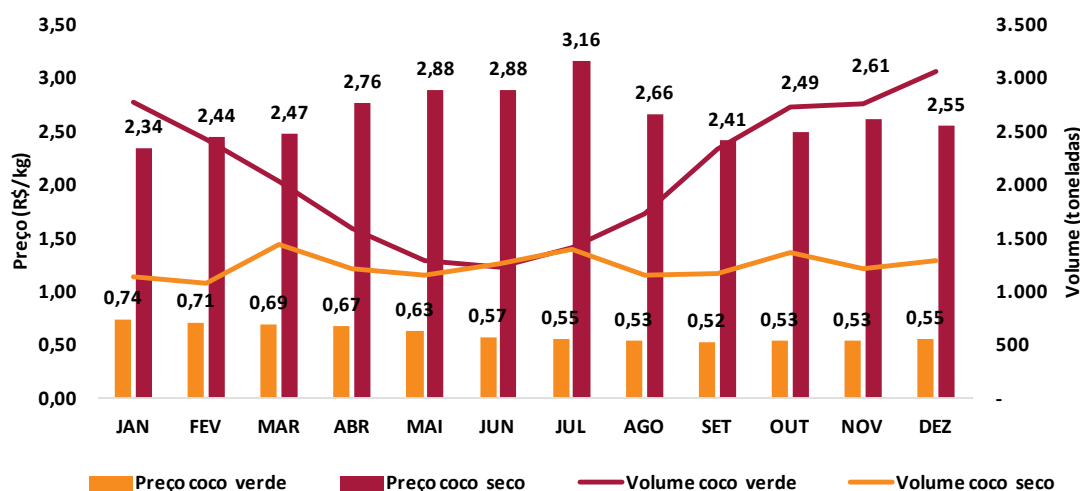
setembro (Gráfico 11).

Segundo Cuenca (2002), o conhecimento do comportamento sazonal dos preços ao longo do tempo é de fundamental importância para todos os agentes da cadeia produtiva do coco, pois é uma sinalização da oferta e demanda do produto.

Os preços do coco seco apresentam uma curva ascendente de janeiro a julho, quando alcança o maior valor, mas começam a cair, atingindo os preços mais baixos, em setembro e outubro. Ainda assim, os preços do coco seco são, em média, quatro vezes maiores que os preços do coco verde (Gráfico 11).

O coco verde começa o ano com os maiores preços, coincidindo com o período de férias e verão no Sul e Sudeste, seguindo uma tendência descendente à medida que o inverno se aproxima, atingindo o menor valor em setembro (Gráfico 11).

**Gráfico 11 - Volumes e preços do coco seco e do coco verde comercializados no principal entreposto brasileiro - CEAGESP-SP (médias de 2013 a 2017)**



Fonte: AGRIANUAL (2018).

No **Quadro 3** está apresentada uma série de preços médios de coco verde dos entrepostos das capitais brasileiras no período de 2008 a 2018. Nesse último ano, os maiores valores são encontrados nos entrepostos do Sul (Porto Alegre e Florianópolis) e Centro-Oeste (Campo Grande e Cuiabá). Como essas regiões produzem relativamente pouco, possivelmente, se abastecem de coco verde de outras regiões, o que encarece o produto por causa do frete.

Já as regiões Norte e Sudeste comercializam sua própria produção, com as vantagens de terem frutos com mais vida de prateleira, maior qualidade e relativamente mais baratos, por reduzirem significativamente os custos com o frete.

Os menores preços são praticados na Região Nordeste, nas praças de João Pessoa, Salvador, Recife, Maceió e Fortaleza, onde a oferta é maior (**Quadro 3**).

O **Quadro 4** acrescenta informações atualizadas de alguns municípios dos principais estados produtores da Área de Atuação do BNB, obtidas através de seus técnicos de campo locais. A partir delas, confirma-se a diversificação ou substituição de plantios do gigante por anão ou híbrido.

As informações apontam também que alguns estados ainda continuam comercializando coco verde na Região Sudeste e abastecendo estados do Centro-Oeste e Sul; além do conhecimento da frequência de colheita e meses de maiores vendas do coco seco e do coco verde (**Quadro 4**).

**Quadro 3 - Médias dos preços de coco verde nos entrepostos das capitais brasileiras (preço/unidade de coco verde)**

Capitais	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
São Paulo	0,87	1,04	1,13	1,07	1,05	1,38	1,39	1,39	2,32	1,72	1,50
Rio Branco	NI	NI	1,00	0,97	1,00	0,95	0,52	0,50	1,00	1,17	1,85
Maceió	0,58	0,60	0,68	0,74	0,86	1,44	1,52	1,19	1,27	1,08	1,08
Salvador	0,47	0,54	0,62	0,65	0,69	1,12	1,06	1,01	1,16	1,10	1,05
Fortaleza	0,54	0,67	0,72	0,91	0,85	1,05	1,08	1,23	1,26	1,23	1,09
Brasília	0,92	0,94	1,22	1,17	1,23	1,54	1,54	1,32	1,47	1,69	1,57
Vitória	0,57	0,75	0,79	0,84	0,89	1,12	0,99	0,86	1,26	1,34	1,26
Goiânia	0,85	0,94	1,33	1,26	1,20	1,48	1,72	1,92	1,81	1,97	1,34
São Luiz	0,67	0,82	1,00	1,00	NI	NI	NI	NI	NI	1,98	1,32
Belo Horizonte	0,75	0,88	1,00	0,97	1,00	1,25	1,30	1,46	1,63	1,54	1,34
Campo Grande	0,81	0,95	1,41	1,61	1,60	2,00	2,40	2,36	2,29	2,48	2,50
Cuiabá	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	1,72	2,03	2,16	2,38
Belém	0,48	0,50	0,61	0,59	0,66	0,79	0,83	0,94	1,10	1,03	1,15
João Pessoa	0,39	0,45	0,40	0,49	0,63	0,84	0,84	1,16	0,98	1,17	1,00
Recife	0,58	0,64	0,80	0,85	0,86	1,27	1,23	1,23	1,26	1,24	1,07
Teresina	0,54	0,64	0,78	0,91	0,78	1,16	NI	1,20	1,20	1,70	NI
Curitiba	1,22	1,53	1,62	1,67	1,57	1,93	2,06	1,85	2,60	2,53	2,07
Rio de Janeiro	0,73	0,81	0,93	2,22	1,28	1,55	1,64	1,56	1,97	1,55	1,48
Natal	0,49	0,56	0,71	0,83	0,66	0,73	0,80	0,78	0,96	1,48	1,32
Porto Alegre	1,60	1,65	2,00	2,28	2,48	2,80	3,05	2,98	3,40	3,91	3,66
Florianópolis	1,10	1,44	1,62	1,86	1,72	2,00	2,22	2,29	2,80	2,78	2,45
Aracaju	0,49	0,65	0,73	0,82	0,80	NI	NI	NI	NI	NI	NI
Palmas	NI	NI	1,00	2,56	2,61	NI	NI	NI	NI	NI	NI
Médias	0,73	0,85	1,00	1,19	1,16	1,39	1,46	1,45	1,69	1,75	1,62

Fonte: Conab (2018).

## 10. FINANCIAMENTO À PRODUÇÃO DE COCO

No período de janeiro de 2010 a outubro 2018, o BNB contratou 3.177 operações para o financiamento à produção de coco, no valor de R\$ 145,17 milhões de reais, repartidos entre os estados na seguinte ordem: Ceará (37,2%), Alagoas (14,8%), Bahia (9,8%), Sergipe (9,8%), Norte do Espírito Santo (8,2%), Rio Grande do Norte (7,5%), Paraíba (6,5%), Pernambuco (4,6%), Maranhão (1,3%), Piauí (0,4%) e Norte de Minas Gerais (0,1%). Observa-se uma concentração do Ceará e Alagoas que receberam juntos 52,0% dos recursos nesse período (Tabela 13).

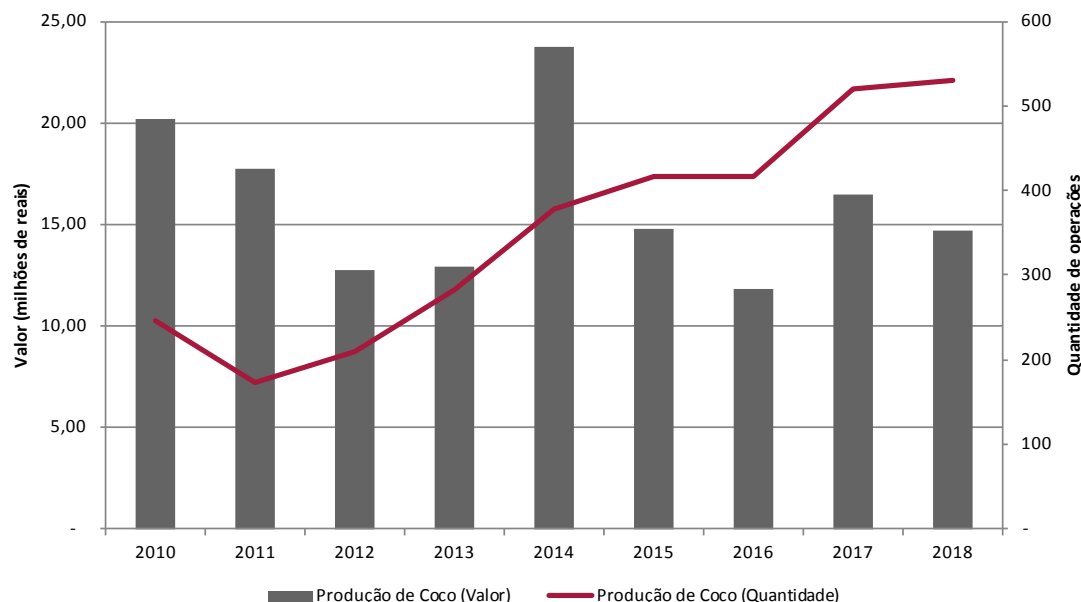
Nos anos de 2012 e 2013, em virtude da seca, houve grande quantidade de contratação ao setor produtivo nos programas FNE-SECA/2012 (FNE - Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste), FNE-IRRIGACAO/SECA-2012, PRONAF/SECA-2012/CUSTEIO/OUTROS e PRONAF-SEMIÁRIDO/SECA-2012 (PRONAF - Programa Nacional de Fortale-

cimento da Agricultura Familiar). Em 2014, surgiram demandas para irrigação, sobretudo no Norte do Espírito Santo, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia. Nos demais anos, a maior parte dos financiamentos foi para o PRONAF, dentre eles o PRONAF-B/PLANO-SAFRA SEMIARIDO, daí o crescimento da quantidade de operações contrapondo-se à queda dos valores financiados (Tabela 13; Gráfico 12).

No Ceará, para soerguer suas produções, pequenos produtores contaram com o apoio financeiro do BNB para perfuração de poços, inclusive localizados em perímetros irrigados.

Nessa atividade prevalecem os mini e pequenos produtores (Tabela 14), em sua maioria, descapitalizados e o Banco do Nordeste, na qualidade de Instituição de Desenvolvimento, vem apoiando financeiramente em todos os períodos, inclusive nos de secas mais severas, com financiamentos específicos, cumprindo seu papel de banco de desenvolvimento da Região Nordeste, por reconhecer a importância social e econômica da cocoicultura para os estados produtores.

Gráfico 12 - Comparativo do valor e quantidade das contratações com recursos do FNE à produção de coco



Fonte: BNB (Posição 31.10.2018).

Nota: Valores atualizados até outubro de 2018 pelo IGP-DI (FGV).

Tabela 14 - Quantidade e valor das contratações com recursos do FNE à produção de coco, por Porte

Produção	Número de operações									Valor das contratações (mil reais)							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 (1)	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Grande Porte	3	1	0	0	0	-	-	-	-	5.523	1.189	-	-	-	-	-	-
Médio Porte	2	2	0	1	0	-	2	3	2	1.314	1.028	-	286	-	-	1.793	335
Pequeno-Médio	1	0	0	0	2	1	-	1	2	153	-	-	-	7.983	474	-	2.069
Pequeno Porte	15	20	22	22	15	15	6	12	8	4.854	7.743	7.765	5.668	6.402	6.653	2.117	3.769
Minipro-dutor	226	150	188	260	362	400	409	504	519	8.357	7.808	5.018	6.978	9.338	7.671	7.916	10.300
Total	247	173	210	283	379	416	417	520	531	20.202	17.768	12.783	12.932	23.722	14.798	11.826	16.472

Fonte: BNB. Posição 31.10.2018.

Nota: Valores atualizados até outubro de 2018 pelo IGP-DI (FGV).



## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O coqueiro está sendo cultivado em todas as regiões do Brasil, mas o Nordeste continua com a maior produção e área plantada, onde ainda prevalece a variedade Gigante. Entretanto, a variedade de coqueiro Anão e o Híbrido já alcançaram juntos quase 40% da área e já detêm mais de 70% da produção dessa Região.

O Brasil direcionou-se à produção de coco seco *in natura*, coco ralado, leite de coco e água de coco principalmente no Nordeste, onde existem diversas agroindústrias, com capacidade para processar grande quantidade de coco e está aumentando cada vez mais o leque de seus derivados.

Diante disso e do aumento do consumo de água de coco no País e em todo mundo, a procura pela semente ou muda do coqueiro Híbrido tem aumentado, pois sua dupla aptidão permite planejar o direcionamento do fruto ainda na planta, de acordo com a demanda do mercado, quer seja por coco verde ou seco.

Por outro lado, o aumento da procura por essa cultivar, aliado a grande carência de produtores de sementes e mudas do Híbrido, tem elevado o preço desses insumos e freado sua maior expansão no País. Observa-se, assim, a necessidade de mais viveiristas que possam contribuir com o fechamento dessa lacuna no setor produtivo.

A exemplo do Brasil, outros países também direcionaram seus cultivos à produção de coco ralado e água de coco, competindo no mercado externo e, internamente, com os produtores brasileiros, pela venda desses produtos a preços mais vantajosos, de maneira que as importações estão superando, em muito, as exportações brasileiras, promovendo déficit no saldo da balança comercial.

As agroindústrias que estão realizando essas importações contribuem para o enfraquecimento do setor produtivo nordestino, vislumbrando apenas a possibilidade de importar produtos a preços mais baratos, esquecendo-se dos problemas gerados internamente com essa decisão.

Alguns estados brasileiros estão importando água de coco concentrada (com brix superior a 7,4) para diluí-la e transformá-la em produto pronto para consumo, com brix não superior a 7,4. Uma pequena porção desse produto é vendido no mercado interno e a maior parte no mercado externo, gerando um saldo positivo no comércio internacional de água de coco. Embora isso favoreça as agroindústrias, é mais um passo para o enfraquecimento do setor produtivo.

O coqueiro pode ser cultivado em sistemas agrossilvipastoris, em consórcio com outras culturas tais como café conilon, pimenta do reino, ou com criação de animais, contribuindo com a obtenção de outras fontes de renda para o pequeno produtor.

O aumento da produção industrial e do consumo da água de coco geram problemas ambientais, em função da grande quantidade de resíduos, que podem se

tornar subprodutos com valor econômico, o que deve ser incentivado por todos os setores envolvidos com a atividade.

Como nessa atividade prevalecem os mini e pequenos produtores, em sua maioria, descapitalizados, o BNB tem apoiado financeiramente em todos os períodos, inclusive nos de secas mais severas, com financiamentos específicos, cumprindo seu papel de banco de desenvolvimento da Região Nordeste, por reconhecer a importância social e econômica da cocoicultura para os estados produtores.

## REFERÊNCIAS

- AGRIANUAL 2018: Anuário da Agricultura Brasileira. **Coco-da-baía**. São Paulo: Informa Economics IEG/FNP, 2017. p. 263-271. 440 p.
- AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. **Exportação e importação**. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- ARAGÃO, W. M. Colheita e pós-colheita do coco. In: **Sistema de produção para a cultura do coqueiro**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2002. 63p. Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>.
- ASSIS, J.S., RESENDE, J.M., SILVA, F.O.E., SANTOS, C.R., NUNES, F. **Técnicas para colheita e Pós-colheita do coco verde**. Comunicado Técnico 95. Embrapa Semiárido. Petrolina. Dezembro, 2000. P.1-6.
- BENASSI, A. C.; FANTON, C. J.; SANTANA, E. N. de; **O cultivo do coqueiro-anão-verde: Tecnologias de produção**. Vitória, ES : Incaper, 2013. 120 p. il. (Incaper. Documentos, 227).
- CAVALCANTE, L. V. A nova geografia da produção de coco no Brasil. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2015, São Paulo. **Anais...** Mato Grosso do Sul: Editora UFGD, 2015. p. 2709-2720.
- CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. 2017. PROHORT - Programa brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro. Disponível em: <http://www3.ceasa.gov.br/prohortweb/>. Acesso em: 25 dez. 2018.
- CUENCA, M. A. G. Aspectos da comercialização e mercados do coco. In: **Sistema de produção para a cultura do coqueiro**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2002. 63p. Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>.
- FAOSTAT - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **World Production**. Disponível em: <http://faostat.fao.org/site/342/default.aspx>. Acesso em: 24 dez. 2018.
- FONTELENE, R. E. S. Cultura do coco no Brasil: Caracterização do mercado atual e perspectivas futuras. In: XLIII CONGRESSO DA SOBER. 2005. Ribeirão Preto. Pôster. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/168.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

FRANCO, L. **O maior coqueiral do mundo**. 07.05.2013. Disponível em: [http://www.sindcoco.com.br/noticia\\_detalle.php?idNoticia=24](http://www.sindcoco.com.br/noticia_detalle.php?idNoticia=24). Acesso em: 13 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE/LSPA. **Levantamento sistemático da Produção Agrícola**. Fortaleza: IBGE/GCEA-CE. Dezembro. Séries 2016, 2017 e 2018. Documento impresso.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1613&z=t&o=11>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MARTINS, C. R., JESUS JÚNIOR, L. A. DE. **Produção e comercialização de coco no Brasil frente ao comércio internacional: panorama 2014**. Aracaju. Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2014. 51 p. Disponível em <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 09 ago. 2017.

NIELSEN BRASIL. **Infográfico: saúde, mente e corpo - os desafios do cotidiano brasileiro - Consumo**. 01.11.2016. Disponível em: <http://www.nielsen.com/br/pt/insights/news/2016/Infografico-saude-mente-e-corpo.html>. Acesso em: 10 out. 2017.

NIELSEN BRASIL. **Quatro fatores essenciais que movem o mercado de bebidas - Consumo**. 12.07.2016a. Disponível em: <http://www.nielsen.com/br/pt/insights/news/2016/4-fatores-essenciais-que-movem-o-mercado-de-bebidas.html>. Acesso em: 10 out. 2017.

SINDCOCO. **Boletim Conjuntural - Importações de coco ralado e de água de coco**. Novembro de 2017; Novembro de 2018. Disponível em: <http://www.sindcoco.com.br>. Acesso em: 11 dez. 2018.

**ANEXO 1 - TABELA 5 - Dados dos principais municípios produtores de coco-da-baía**

Municípios - UF	Área colhida (ha)			Produção (mil frutos)			Rendimento (frutos/ha)		Vr produção (mil reais) 2017	Remuneração (reais/ha) 2017	Preço (reais/fruto) 2017	2010-2017 (%)	2016-2017 (%)	
	2010	2016	2017	2010	2016	2017	2010	2016						
Petrolina (PE)	1.500	2.230	3.000	13.200	78.050	105.000	8.800	35.000	35.000	47.250	15.750	0,45	695,5	34,5
Moju (PA)	7.500	7.700	7.700	75.000	76.000	76.000	10.000	9.870	9.870	31.300	4.065	0,41	1,3	0,0
Conde (BA)	13.500	15.000	13.000	20.250	30.000	70.000	1.500	2.000	5.385	78.400	6.031	1,12	245,7	133,3
Estância (SE)	5.295	4.450	4.950	80.209	63.580	68.625	15.148	14.288	13.864	29.288	5.917	0,43	-14,4	7,9
Juazeiro (BA)	1.957	1.000	1.910	66.538	6.500	53.000	34.000	6.500	27.749	22.790	11.932	0,43	-20,3	715,4
Rodelas (BA)	590	1.423	1.920	3.540	85.380	52.440	6.000	60.000	27.313	20.976	10.925	0,40	1.381,4	-38,6
Santa Luzia do Itanhhy (SE)	2.916	2.860	2.860	46.665	45.400	43.700	16.003	15.874	15.280	14.125	4.939	0,32	-6,4	-3,7
São Mateus (ES)	3.800	2.350	2.350	76.000	18.800	37.600	20.000	8.000	16.000	24.816	10.560	0,66	-50,5	100,0
Linhares (ES)	250	2.770	2.770	2.500	27.700	27.700	10.000	10.000	10.000	22.160	8.000	0,80	1.008,0	0,0
Trairi (CE)	7.132	7.013	7.154	32.074	28.594	26.237	4.497	4.077	3.667	23.123	3.232	0,88	-18,2	-8,2
Goiana (PE)	2.106	2.000	2.000	10.530	27.000	25.560	5.000	13.500	12.780	13.547	6.774	0,53	142,7	-5,3
Acará (PA)	2.100	2.100	2.100	19.636	21.000	21.000	9.350	10.000	10.000	31.500	15.000	1,50	6,9	0,0
Paraipaba (CE)	1.362	3.890	4.090	16.806	93.601	20.442	12.339	24.062	4.998	9.932	2.428	0,49	21,6	-78,2
Jandaíra (BA)	9.000	9.000	4.000	36.000	51.480	20.000	4.000	5.720	5.000	19.400	4.850	0,97	-44,4	-61,1
Neópolis (SE)	1.141	1.078	1.078	8.240	19.040	19.054	7.221	17.662	17.675	20.007	18.559	1,05	131,2	0,1
Quissamã (RU)	1.200	1.200	1.300	12.000	20.400	18.200	10.000	17.000	14.000	17.763	13.664	0,98	51,7	-10,8
Coruripe (AL)	2.061	5.000	4.415	11.506	28.200	17.045	5.582	5.640	3.861	12.401	2.809	0,73	48,1	-39,6
Esplanada (BA)	6.000	6.000	2.500	30.180	48.000	17.000	5.030	8.000	6.800	12.410	4.964	0,73	-43,7	-64,6
Beberibe (CE)	2.348	2.503	2.523	14.431	16.494	16.703	6.146	6.590	6.620	7.925	3.141	0,47	15,7	1,3
Indiaroba (SE)	3.087	2.850	3.050	17.587	14.850	16.120	5.697	5.211	5.285	8.450	2.770	0,52	-8,3	8,6

Fonte: IBGE (2018).

**Tabela 6 - Principais produtores e consumidores mundiais da copra e óleo de coco**

Países	Copra (mil toneladas)						Óleo de coco (mil toneladas)					
	Produção			Consumo			Produção			Consumo		
	2016/2017	2017/2018	2017/18 (%)	2016/2017	2017/2018	2017/18 (%)	2016/2017	2017/2018	2017/18 (%)	2016/2017	2017/2018	2017/18 (%)
Filipinas	2.200	2.300	41,5	2.320	2.350	42,6	1.460	1.480	43,1	600	605	18,5
Indonésia	1.580	1.570	28,3	1.560	1.563	28,3	999	995	28,9	342	335	10,2
Índia	715	750	13,5	670	735	13,3	425	460	13,4	403	432	13,2
Vietnã	269	272	4,9	270	275	5,0	171	174	5,1	165	165	5,0
México	207	206	3,7	207	206	3,7	130	129	3,8	135	135	4,1
Sri Lanca	70	70	1,3	70	70	1,3	44	44	1,3	NI	NI	-
Papua Nova Guiné	95	97	1,7	60	60	1,1	40	40	1,2	NI	NI	-
Tailândia	72	72	1,3	49	49	0,9	32	33	1,0	NI	NI	-
Malásia	29	29	0,5	45	43	0,8	27	26	0,8	55	60	1,8
Outros	177	177	3,2	167	166	3,0	56	56	1,6	350	354	10,8
União Europeia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	505	505	15,4
Estados Unidos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	483	503	15,4
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	130	130	4,0
Japão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	50	1,5
Total	5.414	5.543	100,0	5.418	5.517	100,0	3.384	3.437	100,0	3.218	3.274	100,0
Estoque final	87	89	2,3	-	-	-	316	385	21,8	-	-	-

Fonte: AGRANUAL (2018).  
Nota: NI - Não informado.

**Tabela 7 - Principais exportadores e importadores mundiais de coco e seus derivados, em 2016 (\*)**

Exportadores												
Copra	(t)	Óleo de coco	(t)	Coco dessecado	(t)	Torta de copra	(t)	Coco fresco	(t)	Maiores Exportadores	(t)	(%)
Papua Nova Guiné	67.519	Filipinas	753.255	Filipinas	92.350	Filipinas	274.608	Indonésia	531.440	Indonésia	1.446.829	37,3
Tailândia	23.214	Indonésia	602.315	Indonésia	78.684	Indonésia	221.879	Índia	120.653	Filipinas	1.126.136	29,0
Vanuatu	16.536	Países Baixos	198.866	Sri Lanca	48.777	Sri Lanca	22.859	Tailândia	95.791	Países Baixos	225.166	5,8
Índia	16.509	Malásia	115.811	Singapura	22.119	Papua Nova Guiné	8.681	Malásia	63.154	Malásia	196.949	5,1
Indonésia	12.511	Estados Unidos	51.048	Malásia	14.184	Malásia	3.730	Sri Lanca	28.101	Índia	180.187	4,6
Ilhas Salomão	10.223	Índia	28.817	Índia	14.036	Honduras	3.242	Costa do Marfim	23.541	Tailândia	123.813	3,2
Sri Lanca	1.184	Papua Nova Guiné	26.683	Países Baixos	13.314	Vanuatu	3.240	México	19.461	Sri Lanca	123.603	3,2
Demais	2.617	Demais	105.208	Demais	61.373	Demais	4.790	Demais	75.486	Demais	455.126	11,7
Mundo	150.313	Mundo	1.882.003	Mundo	344.837	Mundo	543.029	Mundo	957.627	Mundo	3.877.809	100,0
Importadores												
Copra	(t)	Óleo de coco	(t)	Coco dessecado	(t)	Torta de copra	(t)	Coco fresco	(t)	Maiores Importadores	(t)	(%)
Filipinas	97.226	Estados Unidos	516.167	Estados Unidos	48.110	Coreia	264.822	China	318.164	Estados Unidos	620.327	15,9
Bangladesh	18.887	Países Baixos	328.030	Benin	32.487	Índia	167.079	Tailândia	171.863	China	463.240	11,9
Paquistão	17.437	Malásia	151.573	Singapura	22.891	Itália	12.262	Malásia	130.481	Países Baixos	365.920	9,4
Malásia	11.488	Alemanha	147.457	Alemanha	20.923	Taiwan	11.663	Estados Unidos	53.906	Coreia	310.938	8,0
Polónia	2.474	China	133.848	Países Baixos	18.845	Filipinas	9.900	Emirados Árabes	41.539	Malásia	304.420	7,8
Irã	2.036	Itália	58.840	Bélgica	18.141	Japão	9.139	Singapura	29.708	Tailândia	182.025	4,7
Benin	1.260	França	53.070	Brasil	16.733	Austrália	7.047	Irã	23.774	Alemanha	174.266	4,5
Demais	4.629	Demais	539.739	Demais	216.515	Demais	20.510	Demais	155.861	Demais	1.485.388	38,0
Mundo	155.437	Mundo	1.928.724	Mundo	394.645	Mundo	502.422	Mundo	925.296	Mundo	3.906.524	100,0

Fonte: FAOSTAT (2018).

Nota: (\*) Últimos dados fornecidos.

**Tabela 10 - Produtos do coco e seus respectivos estados exportadores e importadores pertencentes à Área de Atuação do BNB**

Produtos e respectivos estados exportadores e importadores	EXPORTAÇÃO							IMPORTAÇÃO						
	2016		2017		2018*		2017	2016		2017		2018*		2017
	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	R\$/kg(1)	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	Valor (Mil US\$)	Peso (t)	R\$/kg(1)
Cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)	149	52	109	15	141	24	27,77	19.587	12.117	18.576	10.481	17.285	9.658	6,86
Espírito Santo (2)	-	-	1	0	3	2	19,46	6.668	3.594	8.176	4.142	8.120	4.074	7,64
Alagoas	76	10	91	12	122	19	29,29	7.531	4.485	6.837	3.496	5.174	2.822	7,58
Ceará	17	3	3	1	-	-	18,72	3.864	2.975	2.196	1.867	3.346	2.349	4,56
Sergipe	0	0	0	0	-	-	11,79	1.389	988	1.239	926	645	414	5,18
Paraíba	40	10	14	2	15	2	23,27	135	75	128	50	-	-	9,90
Demais (BA, MA, MG, PE e RN)	16	29	-	-	0	0	-	-	-	-	-	-	-	-
Cocos na casca interna (endocarpo)	11	22	-	-	58	173	-	-	-	-	-	-	-	-
Bahia	-	-	-	-	54	163	-	-	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	-	-	-	-	4	9	-	-	-	-	-	-	-	-
Espírito Santo (2)	-	-	-	-	0	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	11	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cocos frescos	298	982	670	1.364	234	682	1,90	356	202	-	-	-	-	-
Bahia	248	885	432	1.122	194	617	1,49	-	-	-	-	-	-	-
Paraíba	6	9	9	12	29	54	2,77	-	-	-	-	-	-	-
Espírito Santo (2)	0	0	5	2	5	6	10,33	-	-	-	-	-	-	-
Alagoas	11	10	41	35	6	5	4,55	356	202	-	-	-	-	-
Maranhão	-	-	-	-	0	0	-	-	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	13	53	7	24	0	0	1,21	-	-	-	-	-	-	-
Rio Grande do Norte	18	17	151	103	-	-	5,67	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	1	7	23	41	-	-	2,16	-	-	-	-	-	-	-
Sergipe	-	-	3	25	-	-	0,47	-	-	-	-	-	-	-
Óleo de coco (óleo de copra), em bruto	13	1	-	-	-	-	-	1.596	491	6.992	1.704	2.219	580	15,89
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	1.281	287	6.992	1.704	2.152	562	15,89
Espírito Santo (2)	3	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	68	18	-
Sergipe	9	1	-	-	-	-	-	223	132	-	-	-	-	-
Minas Gerais (2)	-	-	-	-	-	-	-	92	72	-	-	-	-	-
Outros óleos de coco (óleos de copra)	123	14	342	39	213	23	33,73	1.133	448	1.921	747	4.066	1.519	9,96
Alagoas	121	14	340	39	212	23	33,54	194	104	591	296	3.034	1.248	7,75
Ceará	2	0	-	-	1	0	-	598	150	504	121	599	157	16,11
Espírito Santo (2)	-	-	-	-	-	-	-	341	194	826	330	433	114	9,68
Demais (MA, MG e PE)	-	-	2	0	0	0	336,94	-	-	-	-	-	-	-
Tortas e outros resíduos sólidos do coco ou da copra	0	0	0	0	-	-	4,51	-	-	-	-	69	23	-
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	69	23	-
Sergipe	0	0	0	0	-	-	4,51	-	-	-	-	-	-	-
Revestimento para pavimento, de cairo (fibras de coco)	-	-	-	-	9	3	-	24	38	15	22	23	14	2,62
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	13	-
Pernambuco	-	-	-	-	9	3	-	-	-	-	-	2	2	-
Espírito Santo (2)	-	-	-	-	-	-	-	24	38	15	22	-	-	2,62
<b>Total Geral</b>	<b>593</b>	<b>1.070</b>	<b>1.121</b>	<b>1.418</b>	<b>655</b>	<b>904</b>	<b>-</b>	<b>22.696</b>	<b>13.296</b>	<b>27.504</b>	<b>12.954</b>	<b>23.662</b>	<b>11.794</b>	<b>-</b>

Fonte: AGROSTAT (2018).

Nota: (\*) Dados de janeiro a novembro de 2018; (1) 1 dólar = R\$ 3,8729 (30.11.2018); (2) Esses dados são estaduais porque não foi possível separar os municípios da Área de Atuação do BNB.

**Quadro 4 - Frequência de colheita, meses de maiores vendas e mercado do coco seco e coco verde em municípios da Área do BNB**

Municípios / Estados	Variedade cultivada (%)			Frequência de colheita			Meses de maiores vendas			Mercado	
	Gigante	Anão	Híbrido	Coco Seco	Coco Verde		Coco Seco	Coco Verde		Coco Seco	Coco Verde
Paraipaba (CE)	20	80	-	Bimestral	Mensal		Maior a setembro	Dezembro a abril		Indústrias de Municípios vizinhos	Indústrias locais e de Municípios vizinhos (CE)
Piaçabuçu (AL)	45	-	55	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL - 80% e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Feliz Deserto (AL)	45	-	55	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL - 80% e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Penedo (AL)	45	-	55	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL - 80% e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Coruripe (AL)	45	-	55	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL - 80% e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Jequiá da Praia (AL)	45	-	55	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL - 80% e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Neópolis (SE)	-	90	-	-	Contínua		-	Agosto a março		-	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Japoatã (SE)	-	90	-	-	Contínua		-	Agosto a março		-	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Propriá (SE)	-	90	-	-	Contínua		-	Agosto a março		-	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
São Francisco (SE)	-	90	-	-	Contínua		-	Agosto a março		-	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Pacatuba (SE)	80	-	20	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Ilha das Flores (SE)	80	-	20	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Brejo Grande (SE)	80	-	20	Trimestral	Bimestral		Agosto a março	Agosto a março		Intermediários e indústrias (AL e SE)	Estados do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste
Juazeiro (BA)	-	100	-	-	Mensal		-	Janeiro a dezembro		-	Envasadoras locais (5%), Regionais (30%: PE, BA, SE, AL, PI, RN), Nacional (65%: SPRJ, MG, RS)
Estância (SE)	50	-	50	Trimestral	Mensal ou 21 dias		Março a outubro	Março a outubro		Indústrias (SE), Nacional (RJ, SP e BH)	Estados do Nordeste, Nacional (RJ, SP e BH)
Santa Luzia do Itanhhy (SE)	50	-	50	Trimestral	Mensal ou 21 dias		Março a outubro	Março a outubro		Indústrias (SE), Nacional (RJ, SP e BH)	Estados do Nordeste, Nacional (RJ, SP e BH)
Petrolina (PE)	-	100	-	Mensal	Mensal		Janeiro a dezembro	Janeiro a dezembro		Nacional (SP e RJ)	Nacional (SP e RJ)
São Mateus (ES)	-	100	-	-	Mensal		-	Janeiro a dezembro		-	Agroindústrias de processamento da água, Mercado local e Nacional (RJ e SP)
Linhares (ES)	-	100	-	-	Mensal		-	Janeiro a dezembro		-	Agroindústrias de processamento da água, Mercado local e Nacional (RJ e SP)
Rodelas (BA)	-	100	-	-	Mensal		-	Dezembro a março		-	Beneficiadora (PE), Sudeste

Fonte: Elaborado com base nas informações fornecidas pelos Técnicos de Campo do BNB: SOUSA, J. M. de.; CALAZANS, K. R.; ARAÚJO, J. F.; FRAGA FILHO, J. de.; SANTOS, A. de P. R. dos.; CHAGAS, K. A.; SILVA, H. R. F.; ABREU, E. A. S. (2018).

**Tabela 13 - Quantidade e valor das contratações com recursos do FNE à produção de coco, por Estado**

Produção	Número de operações																		Valor das contratações (mil reais)									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 (1)	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 (1)										
Ceará	41	44	74	95	115	64	72	132	212	6.531	6.259	5.371	5.872	9.939	7.067	4.763	3.799	4.335										
Norte do Espírito Santo	1	2	2	2	1	1	1	1	3	71	867	135	-	5.846	41	831	801	3.286										
Rio G. do Norte	14	5	3	6	2	5	13	29	20	1.292	508	969	230	683	1.899	1.231	1.969	2.096										
Alagoas	33	30	32	31	32	51	48	52	40	1.081	2.270	2.836	3.116	2.686	2.034	1.998	3.446	2.042										
Pernambuco	44	24	12	12	28	92	118	124	88	845	1.089	285	367	405	795	1.079	983	819										
Maranhão	4	5	2	3	1	3	10	10	4	179	373	24	196	9	203	-	59	782										
Bahia	26	21	25	24	52	82	113	108	104	2.122	1.910	1.723	735	2.133	1.195	1.281	2.426	699										
Paraíba	42	17	48	86	140	108	44	47	54	2.032	1.496	617	1.155	1.810	1.021	470	338	482										
Piauí			1	4	1	1	2	2	3	-	-	139	192	52	49	9	49	67										
Sergipe	41	24	10	20	7	8	6	11	3	6.041	2.978	666	1.037	159	491	164	2.584	60										
Norte de Minas Gerais	1	1	1	2	1	1	4	4		9	18	16	31	-	5	-	19	-										
Área de Atuação do BNB	247	173	210	283	379	416	417	520	531	20.202	17.768	12.783	12.932	23.722	14.798	11.826	16.472	14.668										

Fonte: BNB. Posição 31.10.2018.

Nota: Valores atualizados até outubro de 2018 pelo IGP-DI (FGV).



## ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Aquicultura e pesca - 11/2018
- Indústria da construção civil - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Bovinocultura leiteira 2 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira 1 - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Saneamento básico - 08/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Energia eólica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Grãos - 06/2018
- Móveis - 06/2018
- Energia solar - 05/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Mel - 04/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Algodão - 03/2018
- Alimentos - 03/2018
- Sucroenergético - 02/2018
- Shopping Centers - 02/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

## ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

## CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

## ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Panorama da infraestrutura nordestina	janeiro-19
Panorama da agropecuária no Nordeste	fevereiro-19
Telecomunicações	fevereiro-19
Petróleo e gás natural	março-19
Biocombustíveis	abril-19
Micro e pequenas empresas	abril-19
Móveis	abril-19
Microgeração de energia	abril-19
Indústria de alimentos	abril-19
Bovinocultura leiteira	abril-19
Tecnologia da informação	abril-19
Commodities agrícolas nordestinas	maio-19
Energia solar	maio-19
Hortaliças: batata e tomate	maio-19
Locação de imóveis	maio-19
Sucoenergético	maio-19
Indústria de bebidas alcoólicas	junho-19
Saúde	junho-19
Grãos: feijão, milho e soja	junho-19
Carnes	junho-19
Energia eólica	julho-19
Apicultura	julho-19
Comércio eletrônico	julho-19
Floricultura	julho-19
Couros e calçados	julho-19
Indústria de bebidas não alcoólicas	julho-19
emprego e renda agrícolas	julho-19
Indústria da construção civil	agosto-19
Setor têxtil	agosto-19
Cafeicultura	agosto-19
Fruticultura	agosto-19
Saneamento básico	agosto-19
Indústria siderúrgica	agosto-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	setembro-19
Rochas ornamentais	setembro-19
Vestuário	setembro-19
Indústria petroquímica	outubro-19
Cajucultura nordestina	outubro-19
Citricultura	outubro-19
Hotéis	outubro-19
Grãos: feijão, milho e soja	outubro-19
Comércio	outubro-19
Energia térmica	outubro-19
Aquicultura e pesca	novembro-19
Cocoicultura nordestina	novembro-19
Silvicultura	novembro-19
Turismo	novembro-19
Serviços	novembro-19
Algodão	dezembro-19